



MUNICÍPIO DE POMBAL

Cópia de parte da ata da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Pombal nº0018/CMP/19, celebrada em 30 de Agosto de 2019 e aprovada em minuta para efeitos de imediata execução.

Ponto 2.11.1. Pedido de Nomeação de novo representante do Município na CPCJ de Pombal, ao abrigo dos artigos 17.º (Composição da Comissão Alargada) e 20.º (Composição da Comissão Restrita) da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Foi presente à reunião a informação 180/UPE18/19 da Unidade de Projetos Educativos, datada de 12/06/2019, que a seguir se transcreve:

"Assunto: Pedido de Nomeação de novo representante do Município na CPCJ de Pombal, ao abrigo dos artigos 17.º (Composição da Comissão Alargada) e 20.º (Composição da Comissão Restrita) da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Senhor Presidente,

Encontrando-me em fase final de mandato na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Pombal, terminando o mesmo a 1 de julho de 2019, venho manifestar junto de V. Ex.^a a minha indisponibilidade para me manter afeta à Comissão, nas modalidades restrita e alargada, por motivos de ordem profissional, devendo o Município de Pombal, caso V. Ex.^a assim o entenda e nos termos indicados na alínea a) do número 1 do artigo 17º e nos números 2 e 4 do artigo 20º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo [Anexo_1], conjugados com os artigos 31º e 32º do Regulamento Interno da CPCJ de Pombal, aprovado em 15 de março de 2018 [Anexo_2], designar um novo representante para o mandato 2019/2022.

Cumpre-me ainda informar V. Ex.^a que esta intenção já foi anteriormente comunicada, quer à Senhora Presidente da CPCJ, Dr.^a Sandra Duarte, quer à Senhora Vereadora do Pelouro de Desenvolvimento Social, Dr.^a Ana Cabral e que, embora ainda não tenha sido fixada data para realização de novas eleições, importa, s.m.o., designar no mais curto espaço de tempo, técnico(a) superior com perfil compatível com as exigências éticas, técnicas e jurídicas inerentes à intervenção da Comissão e com vínculo ao Município de Pombal, uma vez que, no âmbito do artigo 14º da LPCJP, o apoio ao funcionamento da CPCJ, nas vertentes logística, financeira e administrativa deverá ser assegurado pelo município onde se encontre instalada.

À consideração superior."

O parecer Vereadora do Pelouro, Dr.^a Ana Maria Cabral, ínsito na informação é do seguinte



MUNICÍPIO DE POMBAL

teor:

"Exmo Senhor Presidente Confirmo as alegações evocadas pela Dr.^a Paula, que tem a seu cargo, à data, a Coordenação da equipa do PMPSE/PICIIE e ainda as funções inerentes ao seu conteúdo funcional, tais como, planeamento e programação operacional de atividades e projetos educativos nos domínios da educação, infância e juventude, assegurando o cumprimento das políticas e objetivos definidos pelo Executivo para estas áreas. No que concerne à proposta de um novo representante para o mandato 2019/2020, de acordo com o caso alínea a) do número 1 do artigo 17.º e nos números 2 e 4 do artigo 20.º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, sou a propor a Técnica Superior Dr.^a Judite Rodrigues, pela sua versatilidade e experiência profissional. A Dr.^a Judite tem à sua responsabilidade, no presente momento, na UDS, os aspetos inerentes à gestão dos Bairros Sociais, o Programa 3Is, o FEAC. O acompanhamento/monitorização do trabalho a ser desenvolvido pelas técnicas afetas à Comissão Social de Freguesia da UFIGMM e da Comissão Social Interfreguesia GEAS- Carriço, Almagreira e Louriçal será distribuído pela técnica superior provida para a UDS e que entrará ao serviço em outubro. Aguardo decisão superior sobre a proposta a ser apreciada em reunião Órgão Câmara e na Assembleia Municipal. À consideração Superior,"

A Câmara deliberou, por unanimidade, propôr a Técnica Superior Dr.^a Judite Rodrigues, para representante do Município na CPCJ, conforme proposta da Vereadora do Pelouro, Dr.^a Ana Maria Cabral, nos termos da informação e parecer supra transcritos.

Mais deliberou por unanimidade, dar conhecimento da presente nomeação à Assembleia Municipal, nos termos do parecer supra transcrito.

Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro (versão actualizada)

LEI DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM PERIGO

Contém as seguintes alterações:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 23/2017, de 23 de Maio
- Lei n.º 26/2018, de 05 de Julho

SUMÁRIO

Lei de protecção de crianças e jovens em perigo

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1.º

É aprovada a lei de protecção de crianças e jovens em perigo, em anexo ao presente diploma e que dele faz parte integrante.

Artigo 2.º

1 - A lei de protecção de crianças e jovens em perigo é de aplicação imediata, sem prejuízo da validade dos actos realizados na vigência da lei anterior.

2 - As disposições de natureza processual não se aplicam aos processos iniciados anteriormente à sua vigência quando da sua aplicabilidade imediata possa resultar quebra de harmonia e unidade dos vários actos do processo.

3 - Os processos tutelares pendentes na data da entrada em vigor da nova lei que não tenham por objecto a prática, por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de factos qualificados pela lei penal como crime são reclassificados como processos de promoção e protecção.

4 - Nos processos a que se refere o número anterior são aplicáveis unicamente as medidas de protecção previstas neste diploma, de acordo com os princípios orientadores da intervenção nele prevista.

5 - As medidas tutelares aplicadas em processos pendentes são revistas em conformidade com o disposto no artigo 62.º da lei de protecção de crianças e jovens em perigo.

6 - Os processos pendentes nas comissões de protecção de menores transitam e continuam a correr termos nas comissões de protecção de crianças e jovens nos termos previstos na lei de protecção de crianças e jovens em perigo.

7 - Os processos pendentes nos tribunais de menores ou nos tribunais de competência especializada mista de família e menores que, em virtude do disposto no artigo 79.º da lei de protecção de crianças e jovens em perigo, deixarem de ser competentes são remetidos ao tribunal que for territorialmente competente nos termos deste diploma e das leis de organização e funcionamento dos tribunais judiciais.

Artigo 3.º

1 - As actuais comissões de protecção de menores serão reorganizadas e passarão a funcionar de acordo com o disposto na lei de protecção de crianças e jovens em perigo, adoptando a designação de comissões de protecção de crianças e jovens.

2 - Compete à Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco, conjuntamente com as entidades e serviços nela representados, tomar as providências necessárias à reorganização das comissões de protecção de menores.

3 - As comissões de protecção de menores são reorganizadas por portaria conjunta dos Ministros da Justiça e do Trabalho e da Solidariedade.

4 - As comissões de protecção de crianças e jovens que sucederem às comissões de protecção de menores, nos termos dos números anteriores, são declaradas instaladas por portaria conjunta dos Ministros da Justiça e do Trabalho e da Solidariedade.

5 - As comissões de protecção que vierem a ser criadas e instaladas até à data em vigor da lei de protecção de crianças e jovens em perigo são constituídas e passam a funcionar nos termos do disposto neste diploma.

6 - Podem ser criadas e instaladas comissões de protecção de crianças e jovens nas áreas de competência territorial das comissões referidas no n.º 3 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 189/91, de 17 de Maio, nos termos do disposto na lei de protecção de crianças e jovens em perigo, ficando a competência destas limitada às áreas não abrangidas pelas novas comissões.

7 - Até à data de entrada em vigor da lei de protecção de crianças e jovens em perigo, as comissões a que se referem os n.os 4, 5 e 6 exercem as competências previstas no Decreto-Lei n.º 189/91, de 17 de Maio.

8 - As comissões de protecção de menores actualmente existentes que não forem reorganizadas até à data de entrada em vigor da lei de protecção de crianças e jovens consideram-se extintas nessa data, sendo os processos pendentes remetidos ao Ministério Público junto do tribunal da respectiva comarca.

Artigo 4.º

1 - São revogados o Decreto-Lei n.º 189/91, de 17 de Maio, e as normas do Decreto-Lei n.º 314/78, de 27 de Outubro, e de demais legislação relativas às matérias abrangidas pelo presente diploma.

2 - Mantém-se em vigor o Decreto-Lei n.º 98/98, de 18 de Abril, que cria e regulamenta a Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco.

Artigo 5.º

O Governo adoptará as providências regulamentares necessárias à aplicação do presente diploma.

Artigo 6.º

Sem prejuízo do disposto no artigo 3.º, a lei de protecção de crianças e jovens em perigo, bem como os artigos 2.º e 4.º do presente diploma, entram em vigor conjuntamente com a lei tutelar educativa. Aprovada em 1 de Julho de 1999.

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos.

Promulgada em 13 de Agosto de 1999.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendada em 18 de Agosto de 1999.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

ANEXO

Lei de protecção de crianças e jovens em perigo

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1.º

Objeto

A presente lei tem por objeto a promoção dos direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo, por forma a garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

Artigo 2.º

Âmbito

A presente lei aplica-se às crianças e jovens em perigo que residam ou se encontrem em território nacional.

Artigo 3.º

Legitimidade da intervenção

1 - A intervenção para promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.

2 - Considera-se que a criança ou o jovem está em perigo quando, designadamente, se encontra numa das seguintes situações:

- a) Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- d) Está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais;
- e) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- f) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- g) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.
- h) Tem nacionalidade estrangeira e está acolhida em instituição pública, cooperativa, social ou privada com acordo de cooperação com o Estado, sem autorização de residência em território nacional.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 26/2018, de 05 de Julho

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 4.º

Princípios orientadores da intervenção

A intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo obedece aos seguintes princípios:

- a) Interesse superior da criança e do jovem - a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do jovem, nomeadamente à continuidade de relações de afeto de qualidade e significativas, sem prejuízo da consideração que for devida a outros interesses legítimos no âmbito da pluralidade dos interesses presentes no caso concreto;

- b) Privacidade - a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;
- c) Intervenção precoce - a intervenção deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida;
- d) Intervenção mínima - a intervenção deve ser exercida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do jovem em perigo;
- e) Proporcionalidade e atualidade - a intervenção deve ser a necessária e a adequada à situação de perigo em que a criança ou o jovem se encontram no momento em que a decisão é tomada e só pode interferir na sua vida e na da sua família na medida do que for estritamente necessário a essa finalidade;
- f) Responsabilidade parental - a intervenção deve ser efetuada de modo que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o jovem;
- g) Primado da continuidade das relações psicológicas profundas - a intervenção deve respeitar o direito da criança à preservação das relações afetivas estruturantes de grande significado e de referência para o seu saudável e harmónico desenvolvimento, devendo prevalecer as medidas que garantam a continuidade de uma vinculação securizante;
- h) Prevalência da família - na promoção dos direitos e na proteção da criança e do jovem deve ser dada prevalência às medidas que os integrem em família, quer na sua família biológica, quer promovendo a sua adoção ou outra forma de integração familiar estável;
- i) Obrigatoriedade da informação - a criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a sua guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;
- j) Audição obrigatória e participação - a criança e o jovem, em separado ou na companhia dos pais ou de pessoa por si escolhida, bem como os pais, representante legal ou pessoa que tenha a sua guarda de facto, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção;
- k) Subsidiariedade - a intervenção deve ser efetuada sucessivamente pelas entidades com competência em matéria da infância e juventude, pelas comissões de proteção de crianças e jovens e, em última instância, pelos tribunais.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 5.º

Definições

Para efeitos da presente lei, considera-se:

- a) Criança ou jovem - a pessoa com menos de 18 anos ou a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos, e ainda a pessoa até aos 25 anos sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional;
- b) Guarda de facto - a relação que se estabelece entre a criança ou o jovem e a pessoa que com ela vem assumindo, continuamente, as funções essenciais próprias de quem tem responsabilidades parentais;
- c) Situação de emergência - a situação de perigo atual ou iminente para a vida ou a situação de perigo atual ou iminente de grave comprometimento da integridade física ou psíquica da criança ou jovem, que exija proteção imediata nos termos do artigo 91.º, ou que determine a necessidade imediata de aplicação de medidas de promoção e proteção cautelares;
- d) Entidades com competência em matéria de infância e juventude - as pessoas singulares ou coletivas, públicas, cooperativas, sociais ou privadas que, por desenvolverem atividades nas áreas da infância e juventude, têm legitimidade para intervir na promoção dos direitos e na proteção da criança e do jovem em perigo;
- e) Medida de promoção dos direitos e de proteção - a providência adotada pelas comissões de proteção de crianças e jovens ou pelos tribunais, nos termos do presente diploma, para proteger a criança e o jovem em perigo;
- f) Acordo de promoção e proteção - compromisso reduzido a escrito entre as comissões de proteção de crianças e jovens ou o tribunal e os pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto e, ainda, a criança e o jovem com mais de 12 anos, pelo qual se estabelece um plano contendo medidas de promoção de direitos e de proteção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 23/2017, de 23 de Maio

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

CAPÍTULO II

Intervenção para promoção dos direitos e de proteção da criança e do jovem em perigo

SECÇÃO I

Modalidades de intervenção

Artigo 6.º

Disposição geral

A promoção dos direitos e a proteção da criança e do jovem em perigo incumbe às entidades com competência em matéria de infância e juventude, às comissões de proteção de crianças e jovens e aos tribunais.

Artigo 7.º

Intervenção de entidades com competência em matéria de infância e juventude

- 1 - As entidades com competência em matéria de infância e juventude devem, no âmbito das suas atribuições, promover ações de prevenção primária e secundária, nomeadamente, mediante a definição de planos de ação local para a infância e juventude, visando a promoção, defesa e concretização dos direitos da criança e do jovem.
- 2 - As entidades com competência em matéria de infância e juventude devem promover e integrar parcerias e a elas recorrer, sempre que, pelas circunstâncias do caso, a sua intervenção isolada não se mostre adequada à efetiva promoção dos direitos e proteção da criança ou do jovem.
- 3 - A intervenção das entidades com competência em matéria de infância e juventude é efetuada de modo consensual com as pessoas de cujo consentimento dependeria a intervenção da comissão de proteção nos termos do artigo 9.º
- 4 - Com vista à concretização das suas atribuições, cabe às entidades com competência em matéria de infância e juventude:
 - a) Avaliar, diagnosticar e intervir em situações de risco e perigo;
 - b) Implementar estratégias de intervenção necessárias e adequadas à diminuição ou erradicação dos fatores de risco;
 - c) Acompanhar a criança, jovem e respetiva família em execução de plano de intervenção definido pela própria entidade, ou em colaboração com outras entidades congéneres;
 - d) Executar os atos materiais inerentes às medidas de promoção e proteção aplicadas pela comissão de proteção ou pelo tribunal, de que sejam incumbidas, nos termos do acordo de promoção e proteção ou da decisão judicial.
- 5 - No exercício das competências conferidas no número anterior cabe às entidades com competência em matéria de infância e juventude elaborar e manter um registo atualizado, do qual conste a descrição sumária das diligências efetuadas e respetivos resultados.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 8.º

Intervenção das comissões de proteção de crianças e jovens

A intervenção das comissões de proteção de crianças e jovens tem lugar quando não seja possível às entidades referidas no artigo anterior atuar de forma adequada e suficiente a remover o perigo em que se encontram.

Artigo 9.º

Consentimento

- 1 - A intervenção das comissões de proteção das crianças e jovens depende, nos termos da presente lei, do consentimento expresso e prestado por escrito dos pais, do representante legal ou da pessoa que tenha a guarda de facto, consoante o caso.
- 2 - A intervenção das comissões de proteção das crianças e jovens depende do consentimento de ambos os progenitores, ainda que o exercício das responsabilidades parentais tenha sido confiado exclusivamente a um deles, desde que estes não estejam inibidos do exercício das responsabilidades parentais.
- 3 - Quando o progenitor que deva prestar consentimento, nos termos do número anterior, estiver ausente ou, de qualquer modo, incontactável, é suficiente o consentimento do progenitor presente ou contactável, sem prejuízo do dever de a comissão de proteção diligenciar, comprovadamente e por todos os meios ao seu alcance, pelo conhecimento do paradeiro daquele, com vista à prestação do respetivo consentimento.
- 4 - Quando tenha sido instituída a tutela, o consentimento é prestado pelo tutor ou, na sua falta, pelo protutor.
- 5 - Se a criança ou o jovem estiver confiado à guarda de terceira pessoa, nos termos dos artigos 1907.º e 1918.º do Código Civil, ou se encontrar a viver com uma pessoa que tenha apenas a sua guarda de facto, o consentimento é prestado por quem tem a sua guarda, ainda que de facto, e pelos pais, sendo suficiente o consentimento daquela para o início da intervenção.
- 6 - Se, no caso do número anterior, não for possível contactar os pais apesar da realização das diligências adequadas para os encontrar, aplica-se, com as necessárias adaptações, o disposto no n.º 3.
- 7 - A intervenção das comissões de proteção das crianças e jovens depende ainda do consentimento expresso e prestado por escrito daqueles que hajam apadrinhado civilmente a criança ou jovem, enquanto subsistir tal vínculo.
- 8 - Nos casos previstos nos n.os 3 e 5, cessa a legitimidade da comissão de proteção para a

intervenção a todo o momento, caso o progenitor não inibido do exercício das responsabilidades parentais se oponha à intervenção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 10.º

Não oposição da criança e do jovem

- 1 - A intervenção das entidades referidas nos artigos 7.º e 8.º depende da não oposição da criança ou do jovem com idade igual ou superior a 12 anos.
- 2 - A oposição da criança com idade inferior a 12 anos é considerada relevante de acordo com a sua capacidade para compreender o sentido da intervenção.

Artigo 11.º

Intervenção judicial

1 - A intervenção judicial tem lugar quando:

- a) Não esteja instalada comissão de proteção de crianças e jovens com competência no município ou na freguesia da respetiva área da residência ou a comissão não tenha competência, nos termos da lei, para aplicar a medida de promoção e proteção adequada;
- b) A pessoa que deva prestar consentimento, nos termos do artigo 9.º, haja sido indiciada pela prática de crime contra a liberdade ou a autodeterminação sexual que vitime a criança ou jovem carecidos de proteção, ou quando, contra aquela tenha sido deduzida queixa pela prática de qualquer dos referidos tipos de crime;
- c) Não seja prestado ou seja retirado o consentimento necessário à intervenção da comissão de proteção, quando o acordo de promoção e de proteção seja reiteradamente não cumprido ou quando ocorra incumprimento do referido acordo de que resulte situação de grave perigo para a criança;
- d) Não seja obtido acordo de promoção e proteção, mantendo-se a situação que justifique a aplicação de medida;
- e) A criança ou o jovem se oponham à intervenção da comissão de proteção, nos termos do artigo 10.º;
- f) A comissão de proteção não obtenha a disponibilidade dos meios necessários para aplicar ou executar a medida que considere adequada, nomeadamente por oposição de um serviço ou entidade;
- g) Decorridos seis meses após o conhecimento da situação pela comissão de proteção não tenha sido proferida qualquer decisão e os pais, representante legal ou as pessoas que tenham a guarda de facto da criança ou jovem requeiram a intervenção judicial;
- h) O Ministério Público considere que a decisão da comissão de proteção é ilegal ou inadequada à promoção dos direitos ou à proteção da criança ou do jovem;
- i) O processo da comissão de proteção seja apensado a processo judicial, nos termos da lei;
- j) Na sequência da aplicação de procedimento urgente previsto no artigo 91.º

2 - A intervenção judicial tem ainda lugar quando, atendendo à gravidade da situação de perigo, à especial relação da criança ou do jovem com quem a provocou ou ao conhecimento de anterior incumprimento reiterado de medida de promoção e proteção por quem deva prestar consentimento, o Ministério Público, oficiosamente ou sob proposta da comissão, entenda, de forma justificada, que, no caso concreto, não se mostra adequada a intervenção da comissão de proteção.

3 - Para efeitos do disposto nos números anteriores, a comissão remete o processo ao Ministério Público.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

SECÇÃO II

Comissões de proteção de crianças e jovens

SUBSECÇÃO I

Disposições gerais

Artigo 12.º

Natureza

- 1 - As comissões de proteção de crianças e jovens, adiante designadas comissões de proteção, são instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.
- 2 - As comissões de proteção exercem as suas atribuições em conformidade com a lei e deliberam com imparcialidade e independência.
- 3 - As comissões de proteção são declaradas instaladas por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da justiça, da solidariedade e da segurança social.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 13.º

Colaboração

- 1 - Os serviços públicos, as autoridades administrativas e as entidades policiais têm o dever de colaborar com as comissões de proteção no exercício das suas atribuições.
- 2 - O dever de colaboração incumbe igualmente às pessoas singulares e coletivas que para tal sejam solicitadas.
- 3 - O dever de colaboração abrange o de informação e o de emissão, sem quaisquer encargos, de certidões, relatórios e quaisquer outros documentos considerados necessários pelas comissões de proteção, no exercício das suas competências de promoção e proteção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 13.º-A

Acesso a dados pessoais sensíveis

- 1 - A comissão de proteção pode, quando necessário para assegurar a proteção da criança ou do jovem, proceder ao tratamento de dados pessoais sensíveis, designadamente, informação clínica, desde que consentida pelo titular dos dados ou, sendo este menor ou interdito por anomalia psíquica, pelo seu representante legal, nos termos da alínea h) do artigo 3.º e do n.º 2 do artigo 7.º da Lei da Proteção de Dados Pessoais, aprovada pela Lei n.º 67/98, de 26 de outubro.
- 2 - Para efeitos de legitimação da comissão de proteção, nos termos do previsto no número anterior, o titular dos dados pessoais sensíveis deve prestar, por escrito, consentimento específico e informado.
- 3 - O pedido de acesso ao tratamento de dados pessoais sensíveis por parte da comissão de proteção deve ser sempre acompanhado da declaração de consentimento a que alude o número anterior.
- 4 - Sempre que a entidade detentora da informação a que se refere o n.º 1 for uma unidade de saúde, o pedido da comissão de proteção deve ser dirigido ao responsável pela sua direção clínica, a quem cabe a coordenação da recolha de informação e sua remessa à comissão requerente.

Aditado pelo seguinte diploma: [Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro](#)

Artigo 13.º-B

Reclamações

- 1 - As comissões de proteção dispõem de registo de reclamações, nos termos previstos nos artigos 35.º-A e 38.º do Decreto-Lei n.º 135/99, de 22 de abril, alterado pelos Decretos-Leis n.os 29/2000, de 13 de março, 72-A/2010, de 18 de junho, e 73/2014, de 13 de maio.
- 2 - As reclamações são remetidas à Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção de Crianças e Jovens, adiante designada Comissão Nacional, para apreciação da sua motivação, realização de diligências ou emissão de recomendações, no âmbito das respetivas atribuições de acompanhamento, apoio e avaliação.
- 3 - Quando, nos termos do artigo 72.º, a reclamação envolva matéria da competência do Ministério Público, a comissão de proteção deve, em simultâneo com a comunicação referida no número anterior, remeter cópia da mesma ao magistrado do Ministério Público a quem compete o acompanhamento referido no n.º 2 do mesmo artigo.

Aditado pelo seguinte diploma: [Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro](#)

Artigo 14.º

Apoio ao funcionamento

- 1 - O apoio ao funcionamento das comissões de proteção, designadamente, nas vertentes logística, financeira e administrativa, é assegurado pelo município, podendo, para o efeito, ser celebrados protocolos de cooperação com os serviços e organismos do Estado representados na Comissão Nacional.
- 2 - O apoio logístico abrange os meios, equipamentos e recursos necessários ao bom funcionamento das comissões de proteção, designadamente, instalações, informática, comunicação e transportes, de acordo com os termos de referência a definir pela Comissão Nacional.
- 3 - O apoio financeiro consiste na disponibilização:
 - a) De um fundo de maneiço, destinado a suportar despesas ocasionais e de pequeno montante resultantes da ação das comissões de proteção junto das crianças e jovens, suas famílias ou pessoas

que têm a sua guarda de facto, de acordo com os termos de referência a definir pela Comissão Nacional;

b) De verba para contratação de seguro que cubra os riscos que possam ocorrer no âmbito do exercício das funções dos comissários previstos nas alíneas h), i), j), l) e m) do n.º 1 do artigo 17.º

4 - O apoio administrativo consiste na cedência de funcionário administrativo, de acordo com os termos de referência a definir pela Comissão Nacional.

5 - Excecionalmente, precedendo parecer favorável da Comissão Nacional, os municípios podem protocolar com outros serviços representados nas comissões de proteção que lhes proporcionem melhores condições de apoio logístico.

6 - Os critérios de atribuição do apoio ao funcionamento das comissões de proteção devem ser fixados tendo em consideração a população residente com idade inferior a 18 anos, o volume processual da comissão e a adequada estabilidade da intervenção protetiva, nos termos a definir pela Comissão Nacional.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SUBSECÇÃO II

Competências, composição e funcionamento

Artigo 15.º

Competência territorial

1 - As comissões de proteção exercem a sua competência na área do município onde têm sede.

2 - Tendo em vista a qualificação da resposta protetiva, mediante proposta dos municípios envolvidos e precedendo parecer favorável da Comissão Nacional, podem ser criadas:

a) Nos municípios com maior número de habitantes e quando se justifique, mais de uma comissão de proteção, com competências numa ou mais freguesias, nos termos a definir pela portaria de instalação;

b) Em municípios adjacentes com menor número de habitantes e quando se justifique, comissões intermunicipais, nos termos a definir pela portaria de instalação.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 16.º

Modalidades de funcionamento da comissão de protecção

A comissão de proteção funciona em modalidade alargada ou restrita, doravante designadas, respetivamente, de comissão alargada e de comissão restrita.

Artigo 17.º

Composição da comissão alargada

1 - A comissão alargada é composta por:

a) Um representante do município, a indicar pela câmara municipal, dos municípios, a indicar pelas câmaras municipais, no caso previsto na alínea b) do n.º 2 do artigo 15.º, ou das freguesias, a indicar por estas, no caso previsto na alínea a) do n.º 2 do artigo 15.º, de entre pessoas com especial interesse ou aptidão na área das crianças e jovens em perigo;

b) Um representante da segurança social, de preferência designado de entre técnicos com formação em serviço social, psicologia ou direito;

c) Um representante dos serviços do Ministério da Educação, de preferência professor com especial interesse e conhecimentos na área das crianças e dos jovens em perigo;

d) Um representante do Ministério da Saúde, preferencialmente médico ou enfermeiro, e que integre, sempre que possível, o Núcleo de Apoio às Crianças e Jovens em Risco;

e) Um representante das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não governamentais que desenvolvam, na área de competência territorial da comissão de proteção, respostas sociais de caráter não residencial, dirigidas a crianças, jovens e famílias;

f) Um representante do organismo público competente em matéria de emprego e formação profissional;

g) Um representante das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não governamentais que desenvolvam, na área de competência territorial da comissão de proteção, respostas sociais de caráter residencial dirigidas a crianças e jovens;

h) Um representante das associações de pais existentes na área de competência da comissão de proteção;

i) Um representante das associações ou outras organizações privadas que desenvolvam, na área de competência da comissão de proteção, atividades desportivas, culturais ou recreativas destinadas a crianças e jovens;

j) Um representante das associações de jovens existentes na área de competência da comissão de proteção ou um representante dos serviços de juventude;

- k) Um representante de cada força de segurança, dependente do Ministério da Administração Interna, presente na área de competência territorial da comissão de proteção;
- l) Quatro cidadãos eleitores, preferencialmente com especiais conhecimentos ou capacidades para intervir na área das crianças e jovens em perigo, designados pela assembleia municipal, ou pelas assembleias municipais ou assembleia de freguesia, nos casos previstos, respetivamente, nas alíneas b) e a) do n.º 2 do artigo 15.º;
- m) Os técnicos que venham a ser cooptados pela comissão, com formação, designadamente, em serviço social, psicologia, saúde ou direito, ou cidadãos com especial interesse pelos problemas da infância e juventude.
- 2 - Nos casos da alínea b) do n.º 2 do artigo 15.º a designação dos cidadãos eleitores a que se reporta a alínea l) do número anterior deve ser feita por acordo entre os municípios envolvidos, privilegiando-se, sempre que possível, a representatividade das diversas populações locais.
- 3 - Nos casos previstos no n.º 2 do artigo 15.º a composição da comissão observa a representatividade interinstitucional e pluridisciplinar prevista no n.º 1 do presente artigo.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 18.º

Competência da comissão alargada

- 1 - À comissão alargada compete desenvolver ações de promoção dos direitos e de prevenção das situações de perigo para a criança e jovem.
- 2 - São competências da comissão alargada:
- Informar a comunidade sobre os direitos da criança e do jovem e sensibilizá-la para os apoiar sempre que estes conheçam especiais dificuldades;
 - Promover ações e colaborar com as entidades competentes tendo em vista a deteção dos factos e situações que, na área da sua competência territorial, afetem os direitos e interesses da criança e do jovem, ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação ou educação ou se mostrem desfavoráveis ao seu desenvolvimento e inserção social;
 - Informar e colaborar com as entidades competentes no levantamento das carências e na identificação e mobilização dos recursos necessários à promoção dos direitos, do bem-estar e do desenvolvimento integral da criança e do jovem;
 - Colaborar com as entidades competentes no estudo e elaboração de projetos inovadores no domínio da prevenção primária dos fatores de risco e no apoio às crianças e jovens em perigo;
 - Colaborar com as entidades competentes na constituição, funcionamento e formulação de projetos e iniciativas de desenvolvimento social local na área da infância e da juventude;
 - Dinamizar e dar parecer sobre programas destinados às crianças e aos jovens em perigo;
 - Analisar a informação semestral relativa aos processos iniciados e ao andamento dos pendentes na comissão restrita, sem prejuízo do disposto no artigo 88.º;
 - Prestar o apoio e a colaboração que a comissão restrita solicitar, nomeadamente no âmbito da disponibilização dos recursos necessários ao exercício das suas funções;
 - Elaborar e aprovar o plano anual de atividades;
 - Aprovar o relatório anual de atividades e avaliação e enviá-lo à Comissão Nacional, à assembleia municipal e ao Ministério Público;
 - Colaborar com a Rede Social na elaboração do plano de desenvolvimento social local, na área da infância e juventude.
- 3 - No exercício das competências previstas nas alíneas b), c), d) e e) do número anterior, a comissão deve articular com a Rede Social local.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 19.º

Funcionamento da comissão alargada

- 1 - A comissão alargada funciona em plenário ou por grupos de trabalho para assuntos específicos.
- 2 - O plenário da comissão reúne com a periodicidade exigida pelo cumprimento das suas funções, no mínimo mensalmente.
- 3 - O exercício de funções na comissão alargada pressupõe a afetação dos comissários ao trabalho efetivo na comissão, por tempo não inferior a oito horas mensais, a integrar o período normal de trabalho.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 20.º

Composição da comissão restrita

- 1 - A comissão restrita é composta sempre por um número ímpar, nunca inferior a cinco dos membros

que integram a comissão alargada.

2 - São, por inerência, membros da comissão restrita o presidente da comissão de proteção e os representantes do município, ou dos municípios ou das freguesias nos casos previstos, respetivamente, nas alíneas b) e a) do n.º 2 do artigo 15.º, e da segurança social, da educação e da saúde quando não exerçam a presidência.

3 - Os restantes membros são designados pela comissão alargada, devendo a designação de, pelo menos, um deles ser feita de entre os representantes de instituições particulares de solidariedade social ou de organizações não governamentais.

4 - Os membros da comissão restrita devem ser escolhidos de forma que esta tenha uma composição interdisciplinar e interinstitucional, incluindo, sempre que possível, pessoas com formação nas áreas de serviço social, psicologia e direito, educação e saúde.

5 - Não sendo possível obter a composição nos termos do número anterior, a designação dos membros aí referidos é feita por cooptação, nomeadamente de entre os técnicos a que se refere a alínea m) do artigo 17.º

6 - Nos casos em que o exercício de funções a tempo inteiro pelos comissários não garanta a observância dos critérios previstos no n.º 3 do artigo 22.º, as entidades mencionadas nas alíneas a), b), c) e k) do n.º 1 do artigo 17.º disponibilizam ainda técnicos para apoio à comissão, aplicando-se com as devidas adaptações o disposto no n.º 2 do artigo seguinte.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 20.º-A

Apoio técnico

1 - Excecionalmente, por manifesta falta de meios humanos e em função da qualificação da resposta protetiva, a Comissão Nacional pode protocolar com as entidades representadas na comissão alargada a afetação de técnicos para apoio à atividade da comissão restrita.

2 - O apoio técnico pode assumir a coordenação de casos e emite parecer no âmbito dos processos em que intervenha, o qual é tido em consideração nas deliberações da Comissão.

Aditado pelo seguinte diploma: [Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro](#)

Artigo 21.º

Competência da comissão restrita

1 - À comissão restrita compete intervir nas situações em que uma criança ou jovem está em perigo.

2 - Compete designadamente à comissão restrita:

- a) Atender e informar as pessoas que se dirigem à comissão de proteção;
- b) Decidir da abertura e da instrução do processo de promoção e proteção;
- c) Apreciar liminarmente as situações de que a comissão de proteção tenha conhecimento, decidindo o arquivamento imediato do processo quando se verifique manifesta desnecessidade de intervenção;
- d) Proceder à instrução dos processos;
- e) Solicitar a participação dos membros da comissão alargada nos processos referidos na alínea anterior, sempre que se mostre necessário;
- f) Solicitar parecer e colaboração de técnicos ou de outras pessoas e entidades públicas ou privadas;
- g) Decidir a aplicação e acompanhar e rever as medidas de promoção e proteção, com exceção da medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a adoção;
- h) Praticar os atos de instrução e acompanhamento de medidas de promoção e proteção que lhe sejam solicitados no contexto de processos de colaboração com outras comissões de proteção;
- i) Informar semestralmente a comissão alargada, sem identificação das pessoas envolvidas, sobre os processos iniciados e o andamento dos processos pendentes.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 22.º

Funcionamento da comissão restrita

1 - A comissão restrita funciona em permanência.

2 - O plenário da comissão restrita reúne sempre que convocado pelo presidente, no mínimo com periodicidade quinzenal, e distribui entre os seus membros as diligências a efetuar nos processos de promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens em perigo.

3 - Os membros da comissão restrita exercem funções em regime de tempo completo ou de tempo parcial, em conformidade com os critérios de referência estabelecidos pela Comissão Nacional.

4 - A comissão restrita funcionará sempre que se verifique situação qualificada de emergência que o

justifique.

5 - Quando a entidade representada ou responsável por disponibilizar técnicos para apoio nos termos do n.º 6 do artigo 20.º, não cumprir os tempos de afetação definidos nos termos do n.º 3, deve o presidente da comissão de proteção comunicar a referida irregularidade ao Ministério Público e à Comissão Nacional, nos 30 dias que se seguem à sua verificação, cabendo a esta última providenciar junto das entidades competentes pela sanção daquela irregularidade.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 23.º

Presidência da comissão de protecção

1 - O presidente da comissão de proteção é eleito pelo plenário da comissão alargada de entre todos os seus membros.

2 - O presidente designa um membro da comissão para desempenhar as funções de secretário.

3 - O secretário substitui o presidente nas suas faltas e impedimentos.

4 - O exercício efetivo da presidência é obrigatório para o membro eleito e vincula, nos casos aplicáveis, a entidade representada.

5 - O presidente da comissão exerce as suas funções a tempo inteiro, sempre que a população residente na área de competência territorial da respetiva comissão for, pelo menos, igual a 5000 habitantes com idade igual ou inferior a 18 anos.

6 - O exercício das funções do presidente da comissão de proteção é obrigatoriamente considerado e valorizado, quer para efeitos da avaliação de desempenho pela sua entidade de origem, quer para progressão na carreira, quer ainda em procedimentos concursais a que se candidate.

7 - Para efeitos da vinculação a que se refere o n.º 4, a comissão emite e disponibiliza à entidade de origem certidão da ata da reunião que elegeu o presidente.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 24.º

Competências do presidente

Compete ao presidente:

a) Representar a comissão de proteção;

b) Presidir às reuniões da comissão alargada e da comissão restrita e orientar e coordenar as suas atividades;

c) Promover a execução das deliberações da comissão de proteção;

d) Coordenar os trabalhos de elaboração do plano anual de atividades, elaborar o relatório anual de atividades e avaliação e submetê-los à aprovação da comissão alargada;

e) Autorizar a consulta dos processos de promoção dos direitos e de proteção;

f) Proceder às comunicações previstas na lei.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 25.º

Estatuto dos membros da comissão de protecção

1 - Os membros da comissão de proteção representam e obrigam os serviços e as entidades que os designam, sendo responsáveis pelo cumprimento dos objetivos contidos no plano anual de ação do serviço respetivo para a proteção da criança, designadamente no que respeita às responsabilidades destes serviços no âmbito das comissões de proteção de crianças e jovens.

2 - O exercício das funções dos membros da comissão de proteção, no âmbito da competência desta, têm carácter prioritário relativamente às que exercem nos respetivos serviços e constituem serviço público obrigatório sendo consideradas, para todos os efeitos, como prestadas na profissão, atividade ou cargo do respetivo titular.

3 - A formação inicial e contínua dos membros das comissões constitui um dever e um direito, cabendo à entidade representada ou à Comissão Nacional, no caso dos comissários previstos nas alíneas h), i), j), l) e m) do n.º 1 do artigo 17.º, proporcionar os meios indispensáveis à frequência dessas ações.

4 - Quando demandados por atos praticados no exercício das suas funções, os membros da comissão de proteção gozam de isenção de custas, cabendo à entidade representada ou à Comissão Nacional, no caso dos comissários previstos nas alíneas h), i), j), l) e m) do n.º 1 do artigo 17.º, assegurar os custos inerentes ao respetivo patrocínio judiciário.

5 - Os membros da comissão de proteção têm direito à atribuição e ao uso de cartão de identificação, de modelo aprovado por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da justiça, da solidariedade e da segurança social.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 26.º

Duração do mandato

- 1 - Os membros da comissão de proteção são designados por um período de três anos, renovável por duas vezes.
- 2 - Excecionalmente, o exercício de funções na comissão de proteção pode prolongar-se para além do prazo máximo estabelecido no número anterior, designadamente nos casos de impossibilidade de substituição do membro, desde que haja acordo entre o comissário e a entidade representada, nos casos aplicáveis, e parecer favorável da comissão nacional.
- 3 - O presidente da comissão é eleito pelo período de três anos, renovável por uma única vez.
- 4 - Os comissários mantêm-se em funções até ao final do seu mandato.
- 5 - Decorrido o período de nove anos consecutivos de exercício de funções na comissão de proteção, só pode ocorrer designação do mesmo comissário para o referido exercício, decorrido que seja o período completo de duração de um mandato, com exceção das situações previstas no n.º 2.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 27.º

Deliberações

- 1 - As comissões de proteção, alargada e restrita, deliberam por maioria de votos, tendo o presidente voto de qualidade.
- 2 - Para deliberar validamente é necessária a presença do presidente ou do seu substituto e da maioria dos membros da comissão de proteção.

Artigo 28.º

Vinculação das deliberações

- 1 - As deliberações da comissão de proteção são vinculativas e de execução obrigatória para os serviços e entidades nela representados, salvo oposição devidamente fundamentada.
- 2 - A comissão de proteção comunica ao Ministério Público as situações em que um serviço ou entidade se oponha à execução das suas deliberações.

Artigo 29.º

Atas

- 1 - As reuniões da comissão de proteção são registadas em ata.
- 2 - A ata contém a identificação dos membros presentes e indica se as deliberações foram tomadas por maioria ou por unanimidade, fazendo ainda menção aos pareceres emitidos nos termos do n.º 2 do artigo 20.º-A.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SUBSECÇÃO III

Acompanhamento, apoio e avaliação

Artigo 30.º

Acompanhamento, apoio e avaliação

As comissões de proteção são acompanhadas, apoiadas e avaliadas pela Comissão Nacional.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 31.º

Acompanhamento e apoio

O acompanhamento e apoio da Comissão Nacional consiste, nomeadamente, em:

- a) Proporcionar formação especializada e informação adequadas no domínio da promoção dos direitos e da proteção das crianças e jovens em perigo;

- b) Formular orientações e emitir diretivas genéricas relativamente ao exercício das competências das comissões de proteção, bem como formular recomendações quanto ao seu regular funcionamento e composição;
- c) Apreciar e promover as respostas às solicitações que lhe sejam apresentadas pelas comissões de proteção sobre questões surgidas no exercício das suas competências;
- d) Promover e dinamizar as respostas e os programas adequados ao desempenho das competências das comissões de proteção;
- e) Promover e dinamizar a celebração dos protocolos de cooperação entre as entidades referidas na alínea d) do artigo 5.º e as comissões de proteção necessários ao exercício das suas competências;
- f) Promover mecanismos de supervisão e auditar as comissões de proteção;
- g) Participar na execução de inspeções à atividade das comissões de proteção promovidas pelo Ministério Público e a seu requerimento.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 32.º

Avaliação

- 1 - As comissões de proteção elaboram anualmente um relatório de atividades, com identificação da situação e dos problemas existentes na respetiva área de intervenção territorial em matéria de promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens em perigo, incluindo dados estatísticos e informações que permitam conhecer a natureza dos casos apreciados e as medidas aplicadas e avaliar as dificuldades e a eficácia da intervenção.
- 2 - O relatório é remetido à Comissão Nacional, à assembleia municipal e ao Ministério Público, até 31 de janeiro do ano seguinte àquele a que respeita.
- 3 - O relatório relativo ao ano em que se inicia a atividade da comissão de proteção é apresentado no prazo previsto no número anterior.
- 4 - As comissões de proteção fornecem à Comissão Nacional os dados estatísticos e as informações que lhe sejam solicitados.
- 5 - A Comissão Nacional promove a realização anual de um encontro de avaliação das comissões de proteção, com base na divulgação e análise do relatório de atividades nacional.
- 6 - A Comissão Nacional envia à Assembleia da República, até 30 de junho, o Relatório Anual de avaliação das CPCJ.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 33.º

Auditoria e inspeção

- 1 - As comissões de proteção são objeto de auditorias e de inspeção nos termos da lei.
- 2 - As auditorias às comissões de proteção são da competência da Comissão Nacional e são efetuadas nos termos previstos no diploma que aprova a sua orgânica, visando exclusivamente:
 - a) Aferir o regular funcionamento e composição das comissões de proteção, tendo por referência o quadro legal constante dos artigos 15.º a 29.º;
 - b) Aferir os níveis de observância das orientações e diretivas genéricas que versem o exercício das competências das comissões de proteção e que lhes sejam dirigidas pela Comissão Nacional.
- 3 - As auditorias realizam-se por iniciativa da Comissão Nacional ou a requerimento do Ministério Público.
- 4 - As inspeções às comissões de proteção são da competência e iniciativa do Ministério Público, podendo ter lugar por solicitação da Comissão Nacional.
- 5 - As inspeções têm por objeto a atividade globalmente desenvolvida pelas comissões de proteção, excluindo-se do respetivo âmbito as matérias a que se reporta o n.º 2.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

CAPÍTULO III

Medidas de promoção dos direitos e de proteção

SECÇÃO I

Das medidas

Artigo 34.º

Finalidade

As medidas de promoção dos direitos e de proteção das crianças e dos jovens em perigo, adiante designadas por medidas de promoção e proteção, visam:

- a) Afastar o perigo em que estes se encontram;
- b) Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde,

formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral;
 c) Garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso.

Artigo 35.º

Medidas

1 - As medidas de promoção e proteção são as seguintes:

- a) Apoio junto dos pais;
- b) Apoio junto de outro familiar;
- c) Confiança a pessoa idónea;
- d) Apoio para a autonomia de vida;
- e) Acolhimento familiar;
- f) Acolhimento residencial;
- g) Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção.

2 - As medidas de promoção e de proteção são executadas no meio natural de vida ou em regime de colocação, consoante a sua natureza, e podem ser decididas a título cautelar, com exceção da medida prevista na alínea g) do número anterior.

3 - Consideram-se medidas a executar no meio natural de vida as previstas nas alíneas a), b), c) e d) do n.º 1 e medidas de colocação as previstas nas alíneas e) e f); a medida prevista na alínea g) é considerada a executar no meio natural de vida no primeiro caso e de colocação, no segundo e terceiro casos.

4 - O regime de execução das medidas consta de legislação própria.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 36.º

Acordo

As medidas aplicadas pelas comissões de proteção ou em processo judicial, por decisão negociada, integram um acordo de promoção e proteção.

Artigo 37.º

Medidas cautelares

1 - A título cautelar, o tribunal pode aplicar as medidas previstas nas alíneas a) a f) do n.º 1 do artigo 35.º, nos termos previstos no n.º 1 do artigo 92.º, ou enquanto se procede ao diagnóstico da situação da criança e à definição do seu encaminhamento subsequente.

2 - As comissões podem aplicar as medidas previstas no número anterior enquanto procedem ao diagnóstico da situação da criança e à definição do seu encaminhamento subsequente, sem prejuízo da necessidade da celebração de um acordo de promoção e proteção segundo as regras gerais.

3 - As medidas aplicadas nos termos dos números anteriores têm a duração máxima de seis meses e devem ser revistas no prazo máximo de três meses.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 38.º

Competência para aplicação das medidas

A aplicação das medidas de promoção dos direitos e de proteção é da competência exclusiva das comissões de proteção e dos tribunais; a aplicação da medida prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º é da competência exclusiva dos tribunais.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 38.º-A

Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a futura adoção

A medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a futura adoção, aplicável quando se verifique alguma das situações previstas no artigo 1978.º do Código Civil, consiste:

- a) Na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de candidato selecionado para a adoção pelo competente organismo de segurança social;
- b) Ou na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de família de acolhimento ou de instituição com vista a futura adoção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

SECÇÃO II

Medidas no meio natural de vida

Artigo 39.º

Apoio junto dos pais

A medida de apoio junto dos pais consiste em proporcionar à criança ou jovem apoio de natureza psicopedagógica e social e, quando necessário, ajuda económica.

Artigo 40.º

Apoio junto de outro familiar

A medida de apoio junto de outro familiar consiste na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de um familiar com quem resida ou a quem seja entregue, acompanhada de apoio de natureza psicopedagógica e social e, quando necessário, ajuda económica.

Artigo 41.º

Educação parental

- 1 - Quando sejam aplicadas as medidas previstas nos artigos 39.º e 40.º, os pais ou os familiares a quem a criança ou o jovem sejam entregues podem beneficiar de um programa de formação visando o melhor exercício das funções parentais.
- 2 - O conteúdo e a duração dos programas de educação parental são objeto de regulamento.

Artigo 42.º

Apoio à família

As medidas de apoio previstas nos artigos 39.º e 40.º podem abranger o agregado familiar da criança e do jovem.

Artigo 43.º

Confiança a pessoa idónea

- 1 - A medida de confiança a pessoa idónea consiste na colocação da criança ou do jovem sob a guarda de uma pessoa que, não pertencendo à sua família, com eles tenha estabelecido relação de afetividade recíproca.
- 2 - A medida pode ser acompanhada de apoio de natureza psicopedagógica e social e, quando necessário, de ajuda económica.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 44.º

Colocação sob a guarda de pessoa idónea selecionada para adoção

(Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 45.º

Apoio para a autonomia de vida

- 1 - A medida de apoio para a autonomia de vida consiste em proporcionar diretamente ao jovem com idade superior a 15 anos apoio económico e acompanhamento psicopedagógico e social, nomeadamente através do acesso a programas de formação, visando proporcionar-lhe condições que o habilitem e lhe permitam viver por si só e adquirir progressivamente autonomia de vida.

2 - A medida referida no número anterior pode ser aplicada a mães com idade inferior a 15 anos, quando se verifique que a situação aconselha a aplicação desta medida.

SECÇÃO III

Medidas de colocação

SUBSECÇÃO I

Acolhimento familiar

Artigo 46.º

Definição e pressupostos

1 - O acolhimento familiar consiste na atribuição da confiança da criança ou do jovem a uma pessoa singular ou a uma família, habilitadas para o efeito, proporcionando a sua integração em meio familiar e a prestação de cuidados adequados às suas necessidades e bem-estar e a educação necessária ao seu desenvolvimento integral.

2 - Para efeitos do disposto no número anterior, considera-se que constituem uma família duas pessoas casadas entre si ou que vivam uma com a outra há mais de dois anos em união de facto ou parentes que vivam em comunhão de mesa e habitação.

3 - O acolhimento familiar tem lugar quando seja previsível a posterior integração da criança ou jovem numa família ou, não sendo possível, para a preparação da criança ou jovem para a autonomia de vida.

4 - Privilegia-se a aplicação da medida de acolhimento familiar sobre a de acolhimento residencial, em especial relativamente a crianças até aos seis anos de idade, salvo:

a) Quando a consideração da excecional e específica situação da criança ou jovem carecidos de proteção imponha a aplicação da medida de acolhimento residencial;

b) Quando se constate impossibilidade de facto.

5 - A aplicação da medida de acolhimento residencial nos casos previstos nas alíneas a) e b) do número anterior é devidamente fundamentada.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 47.º

Tipos de famílias de acolhimento

(Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 48.º

Modalidades de acolhimento familiar

(Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SUBSECÇÃO II

Acolhimento residencial

Artigo 49.º

Definição e finalidade

1 - A medida de acolhimento residencial consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados.

2 - O acolhimento residencial tem como finalidade contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

3 - Nos casos em que a criança ou jovem, de nacionalidade estrangeira, é acolhido em instituição pública, cooperativa, social ou privada com acordo de cooperação com o Estado, a medida envolve a atribuição de autorização de residência em território nacional pelo período necessário a uma decisão definitiva sobre eventual pedido de naturalização, nos termos do n.º 3 do artigo 6.º da Lei n.º 37/81, de 3 de outubro.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 26/2018, de 05 de Julho

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 50.º

Acolhimento residencial

- 1 - O acolhimento residencial tem lugar em casa de acolhimento e obedece a modelos de intervenção socioeducativos adequados às crianças e jovens nela acolhidos.
- 2 - As casas de acolhimento podem organizar-se por unidades especializadas, designadamente:
 - a) Casas de acolhimento para resposta em situações de emergência;
 - b) Casas de acolhimento para resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica evidenciadas pelas crianças e jovens a acolher;
 - c) Apartamentos de autonomização para o apoio e promoção de autonomia dos jovens.
- 3 - Para além das casas de acolhimento, as instituições que desenvolvem respostas residenciais, nomeadamente nas áreas da educação especial e da saúde podem, em situações devidamente fundamentadas e pelo tempo estritamente necessário, executar medidas de acolhimento residencial relativamente a crianças ou jovens com deficiência permanente, doenças crónicas de carácter grave, perturbação psiquiátrica ou comportamentos aditivos, garantindo os cuidados socioeducativos e terapêuticos a prestar no âmbito da execução da medida.
- 4 - A regulamentação do regime de organização e funcionamento das casas de acolhimento de crianças e jovens consta de legislação própria.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 51.º

Modalidades da integração

- 1 - No que respeita à integração no acolhimento, a medida de acolhimento residencial é planeada ou, nas situações de emergência, urgente.
- 2 - A integração planeada pressupõe a preparação da integração na casa de acolhimento, mediante troca de informação relevante entre a entidade que aplica a medida, a entidade responsável pela gestão das vagas em acolhimento e a instituição responsável pelo acolhimento, tendo em vista a melhor proteção e promoção dos direitos da criança ou jovem a acolher e incide, designadamente, sobre:
 - a) A avaliação do plano de intervenção executado em meio natural de vida, nos casos aplicáveis;
 - b) A situação de perigo que determina a aplicação da medida;
 - c) As necessidades específicas da criança ou jovem a acolher; e
 - d) Os recursos e características da intervenção que se revelem necessários, a disponibilizar pela instituição de acolhimento.
- 3 - A intervenção planeada pressupõe ainda a preparação informada da criança ou jovem e, sempre que possível, da respetiva família.
- 4 - A integração urgente em casa de acolhimento é determinada pela necessidade de proteção da criança quando ocorra situação de emergência nos termos previstos na alínea c) do artigo 5.º e prescinde da planificação a que se reporta o número anterior, regendo-se por modelo procedimental especificamente direcionado para a proteção na crise.
- 5 - Nos casos referidos no número anterior, a integração tem lugar preferencialmente em unidade especializada de acolhimento de emergência, integrada em casa de acolhimento de crianças e jovens, a indicar pela entidade gestora das vagas em acolhimento.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SECÇÃO IV

Das instituições de acolhimento

Artigo 52.º

Natureza das instituições de acolhimento

As instituições de acolhimento podem ser públicas ou cooperativas, sociais ou privadas com acordo de cooperação com o Estado.

Artigo 53.º

Funcionamento das casas de acolhimento

- 1 - As casas de acolhimento são organizadas em unidades que favoreçam uma relação afetiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade.
- 2 - O regime de funcionamento das casas de acolhimento é definido em diploma próprio.

3 - Os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto da criança podem visitar a criança ou o jovem, de acordo com os horários e as regras de funcionamento da casa, salvo decisão judicial em contrário.

4 - Na falta ou ausência de idoneidade das pessoas a que se reporta o número anterior e nas condições ali referidas, o tribunal ou a comissão de proteção podem autorizar outros adultos idóneos, de referência afetiva para a criança, a visitarem-na.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 54.º

Recursos humanos

1 - As casas de acolhimento dispõem necessariamente de recursos humanos organizados em equipas articuladas entre si, designadamente:

- a) A equipa técnica, constituída de modo pluridisciplinar, integra obrigatoriamente colaboradores com formação mínima correspondente a licenciatura nas áreas da psicologia e do trabalho social, sendo designado o diretor técnico de entre estes;
- b) A equipa educativa integra preferencialmente colaboradores com formação profissional específica para as funções de acompanhamento socioeducativo das crianças e jovens acolhidos e inerentes à profissão de auxiliar de ação educativa e de cuidados de crianças.
- c) A equipa de apoio integra obrigatoriamente colaboradores de serviços gerais.

2 - Sempre que se justifique, a casa de acolhimento pode recorrer às respostas e serviços existentes na comunidade, designadamente nas áreas da saúde e do direito.

3 - À equipa técnica cabe o diagnóstico da situação da criança ou do jovem acolhidos e a definição e execução do seu projeto de promoção e proteção, de acordo com a decisão do tribunal ou da comissão.

4 - Para efeitos do disposto no número anterior, a equipa técnica da casa de acolhimento é obrigatoriamente ouvida pela entidade decisora, designadamente aquando da revisão da medida de acolhimento aplicada.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SECÇÃO V

Acordo de promoção e proteção e execução das medidas

Artigo 55.º

Acordo de promoção e protecção

1 - O acordo de promoção e proteção inclui obrigatoriamente:

- a) A identificação do membro da comissão de proteção ou do técnico a quem cabe o acompanhamento do caso;
- b) O prazo por que é estabelecido e em que deve ser revisto;
- c) As declarações de consentimento ou de não oposição necessárias.

2 - Não podem ser estabelecidas cláusulas que imponham obrigações abusivas ou que introduzam limitações ao funcionamento da vida familiar para além das necessárias a afastar a situação concreta de perigo.

Artigo 56.º

Acordo de promoção e proteção relativo a medidas em meio natural de vida

1 - No acordo de promoção e de proteção em que se estabeleçam medidas a executar no meio natural de vida devem constar nomeadamente as cláusulas seguintes:

- a) Os cuidados de alimentação, higiene, saúde e conforto a prestar à criança ou ao jovem pelos pais ou pelas pessoas a quem sejam confiados;
- b) A identificação do responsável pela criança ou pelo jovem durante o tempo em que não possa ou não deva estar na companhia ou sob a vigilância dos pais ou das pessoas a quem estejam confiados, por razões laborais ou outras consideradas relevantes;
- c) O plano de escolaridade, formação profissional, trabalho e ocupação dos tempos livres;
- d) O plano de cuidados de saúde, incluindo consultas médicas e de orientação psicopedagógica, bem como o dever de cumprimento das diretivas e orientações fixadas;
- e) O apoio económico a prestar, sua modalidade, duração e entidade responsável pela atribuição, bem como os pressupostos da concessão.

2 - Nos casos previstos na alínea e) do n.º 2 do artigo 3.º, se o perigo resultar de comportamentos adotados em razão de alcoolismo, toxicod dependência ou doença psiquiátrica dos pais ou das pessoas a quem a criança ou o jovem esteja confiado, o acordo inclui ainda a menção de que a permanência da criança na companhia destas pessoas é condicionada à sua submissão a tratamento e ao estabelecimento de compromisso nesse sentido.

3 - Quando a intervenção seja determinada pela situação prevista na alínea f) do n.º 2 do artigo 3.º,

podem ainda constar do acordo diretivas e obrigações fixadas à criança ou ao jovem relativamente a meios ou locais que não deva frequentar, pessoas que não deva acompanhar, substâncias ou produtos que não deva consumir e condições e horários dos tempos de lazer.

Artigo 57.º

Acordo de promoção e proteção relativo a medidas de colocação

1 - No acordo de promoção e proteção em que se estabeleçam medidas de colocação devem ainda constar, com as devidas adaptações, para além das cláusulas enumeradas nos artigos anteriores:

- A modalidade de integração no acolhimento e a eventual especialização da resposta;
- Os direitos e os deveres dos intervenientes, nomeadamente a periodicidade das visitas por parte da família ou das pessoas com quem a criança ou o jovem tenha especial ligação afetiva, os períodos de visita à família, quando isso seja do seu interesse, e o montante da prestação correspondente aos gastos com o sustento, educação e saúde da criança ou do jovem e a identificação dos responsáveis pelo pagamento;
- A periodicidade e o conteúdo da informação a prestar às entidades administrativas e às autoridades judiciais, bem como a identificação da pessoa ou da entidade que a deve prestar.

2 - A informação a que se refere a alínea c) do número anterior deve conter os elementos necessários para avaliar o desenvolvimento da personalidade, o aproveitamento escolar, a progressão em outras aprendizagens, a adequação da medida aplicada e a possibilidade de regresso da criança ou do jovem à sua família, bem como de outra solução de tipo familiar adequada à promoção dos seus direitos e proteção, ou de autonomia de vida.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 58.º

Direitos da criança e do jovem em acolhimento

1 - A criança e o jovem acolhidos em instituição, ou que beneficiem da medida de promoção de proteção de acolhimento familiar, têm, em especial, os seguintes direitos:

- Manter regularmente, e em condições de privacidade, contactos pessoais com a família e com pessoas com quem tenham especial relação afetiva, sem prejuízo das limitações impostas por decisão judicial ou pela comissão de proteção;
- Receber uma educação que garanta o desenvolvimento integral da sua personalidade e potencialidades, sendo-lhes asseguradas a prestação dos cuidados de saúde, formação escolar e profissional e a participação em atividades culturais, desportivas e recreativas;
- Usufruir de um espaço de privacidade e de um grau de autonomia na condução da sua vida pessoal adequados à sua idade e situação;
- Ser ouvido e participar ativamente, em função do seu grau de discernimento, em todos os assuntos do seu interesse, que incluam os respeitantes à definição e execução do seu projeto de promoção e proteção e ao funcionamento da instituição e da família de acolhimento;
- Receber dinheiro de bolso;
- A inviolabilidade da correspondência;
- Não ser transferido da casa de acolhimento ou da família de acolhimento, salvo quando essa decisão corresponda ao seu superior interesse;
- Contactar, com garantia de confidencialidade, a comissão de proteção, o Ministério Público, o juiz e o seu advogado;
- Ser acolhido, sempre que possível, em casa de acolhimento ou família de acolhimento próxima do seu contexto familiar e social de origem, exceto se o seu superior interesse o desaconselhar;
- Não ser separado de outros irmãos acolhidos, exceto se o seu superior interesse o desaconselhar.
- Nas condições referidas no n.º 2 do artigo 3.º, obter autorização de residência em Portugal e o processo de naturalização, nos termos do n.º 3 do artigo 6.º da Lei n.º 37/81, de 3 de outubro.

2 - Os direitos referidos no número anterior constam necessariamente do regulamento interno das casas de acolhimento.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

- Lei n.º 26/2018, de 05 de Julho

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

- 2ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 59.º

Acompanhamento da execução das medidas

1 - As comissões de proteção executam as medidas nos termos do acordo de promoção e proteção.

2 - A execução da medida aplicada em processo judicial é dirigida e controlada pelo tribunal que a aplicou.

3 - Para efeitos do disposto no número anterior, o tribunal designa equipas específicas, com a composição e competências previstas na lei, ou entidade que considere mais adequada, não podendo, em qualquer caso, ser designada a comissão de proteção para executar medidas aplicadas

pelo tribunal.
4 - (Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

SECÇÃO VI

Duração, revisão e cessação das medidas

Artigo 60.º

Duração das medidas no meio natural de vida

- 1 - Sem prejuízo do disposto no número seguinte, as medidas previstas nas alíneas a), b), c) e d) do n.º 1 do artigo 35.º têm a duração estabelecida no acordo ou na decisão judicial.
- 2 - Sem prejuízo do disposto no número seguinte, cada uma das medidas referidas no número anterior não pode ter duração superior a um ano, podendo, todavia, ser prorrogadas até 18 meses se o interesse da criança ou do jovem o aconselhar e desde que se mantenham os consentimentos e os acordos legalmente exigidos.
- 3 - Excecionalmente, quando a defesa do superior interesse da criança ou do jovem o imponha, a medida prevista na alínea d) do n.º 1 do artigo 35.º pode ser prorrogada até que aqueles perfaçam os 25 anos de idade.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 23/2017, de 23 de Maio

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 61.º

Duração das medidas de colocação

As medidas previstas nas alíneas e) e f) do n.º 1 do artigo 35.º têm a duração estabelecida no acordo ou na decisão judicial.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 62.º

Revisão das medidas

- 1 - Sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 37.º, as medidas aplicadas são obrigatoriamente revistas findo o prazo fixado no acordo ou na decisão judicial, e, em qualquer caso, decorridos períodos nunca superiores a seis meses, inclusive as medidas de acolhimento residencial e enquanto a criança aí permaneça.
- 2 - A revisão da medida pode ter lugar antes de decorrido o prazo fixado no acordo ou na decisão judicial, oficiosamente ou a pedido das pessoas referidas nos artigos 9.º e 10.º, desde que ocorram factos que a justifiquem.
- 3 - A decisão de revisão determina a verificação das condições de execução da medida e pode determinar, ainda:
 - a) A cessação da medida;
 - b) A substituição da medida por outra mais adequada;
 - c) A continuação ou a prorrogação da execução da medida;
 - d) (Revogada.)
 - e) (Revogada.)
- 4 - Nos casos previstos no número anterior, a decisão de revisão deve ser fundamentada de facto e de direito, em coerência com o projeto de vida da criança ou jovem.
- 5 - É decidida a cessação da medida sempre que a sua continuação se mostre desnecessária.
- 6 - As decisões tomadas na revisão constituem parte integrante dos acordos de promoção e proteção ou da decisão judicial.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 62.º-A

Medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a adoção

- 1 - Salvo o disposto no número seguinte, a medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção,

a família de acolhimento ou a instituição com vista a adoção, dura até ser decretada a adoção e não está sujeita a revisão.

2 - A título excecional a medida é revista, nos casos em que a sua execução se revele manifestamente inviável, designadamente quando a criança atinja a idade limite para a adoção sem que o projeto adotivo tenha sido concretizado.

3 - Na sentença que aplique a medida prevista no n.º 1, o tribunal designa curador provisório à criança, o qual exerce funções até ser decretada a adoção ou instituída outra medida tutelar cível.

4 - O curador provisório é a pessoa a quem o menor tiver sido confiado.

5 - Em caso de confiança a instituição ou família de acolhimento, o curador provisório é, de preferência, quem tenha um contacto mais direto com a criança, devendo, a requerimento do organismo de segurança social ou da instituição particular autorizada a intervir em matéria de adoção, a curadoria provisória ser transferida para o candidato a adotante, logo que selecionado.

6 - Sem prejuízo do disposto no número seguinte, aplicada a medida prevista no n.º 1, não há lugar a visitas por parte da família biológica ou adotante.

7 - Em casos devidamente fundamentados e em função da defesa do superior interesse do adotando, podem ser autorizados contactos entre irmãos.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 63.º

Cessação das medidas

1 - As medidas cessam quando:

- Decorra o respetivo prazo de duração ou eventual prorrogação;
- A decisão de revisão lhes ponha termo;
- Seja decretada a adoção, nos casos previstos no artigo 62.º-A;
- O jovem atinja a maioridade ou, nos casos em que tenha solicitado a continuação da medida para além da maioridade, complete 21 anos;
- Seja proferida decisão em procedimento cível que assegure o afastamento da criança ou do jovem da situação de perigo.

2 - Sem prejuízo do disposto na alínea d) do número anterior, podem manter-se até aos 25 anos de idade as medidas de promoção e proteção de apoio para autonomia de vida ou colocação, sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional, e desde que o jovem renove o pedido de manutenção.

3 - Aquando da cessação da medida aplicada, a comissão de proteção ou o tribunal efetuam as comunicações eventualmente necessárias junto das entidades referidas no artigo 7.º, tendo em vista o acompanhamento da criança, jovem e sua família, pelo período que se julgue adequado.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 23/2017, de 23 de Maio

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- 3ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

CAPÍTULO IV

Comunicações

Artigo 64.º

Comunicação das situações de perigo pelas autoridades policiais e judiciárias

1 - As entidades policiais e as autoridades judiciárias comunicam às comissões de proteção as situações de crianças e jovens em perigo de que tenham conhecimento no exercício das suas funções.

2 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, as autoridades judiciárias adotam as providências tutelares cíveis adequadas.

Artigo 65.º

Comunicação das situações de perigo conhecidas pelas entidades com competência em matéria de infância e juventude

1 - As entidades com competência em matéria de infância e juventude comunicam às comissões de proteção as situações de perigo de que tenham conhecimento no exercício das suas funções sempre que não possam, no âmbito exclusivo da sua competência, assegurar em tempo a proteção suficiente que as circunstâncias do caso exigem.

2 - Caso a comissão de proteção não esteja instalada ou quando não tenha competência para aplicar a medida adequada, designadamente sempre que os pais da criança ou do jovem expressem a sua vontade quanto ao seu consentimento ou à não oposição para a futura adoção, as entidades devem comunicar a situação de perigo diretamente ao Ministério Público.

3 - As instituições de acolhimento devem comunicar ao Ministério Público todas as situações de crianças e jovens que acolham sem prévia decisão da comissão de proteção ou judicial.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 66.º

Comunicação das situações de perigo por qualquer pessoa

1 - Qualquer pessoa que tenha conhecimento das situações previstas no artigo 3.º pode comunicá-las às entidades com competência em matéria de infância ou juventude, às entidades policiais, às comissões de proteção ou às autoridades judiciárias.

2 - A comunicação é obrigatória para qualquer pessoa que tenha conhecimento de situações que ponham em risco a vida, a integridade física ou psíquica ou a liberdade da criança ou do jovem.

3 - Quando as comunicações sejam dirigidas às entidades referidas no n.º 1, estas procedem ao estudo sumário da situação e proporcionam a proteção compatível com as suas atribuições, dando conhecimento da situação à comissão de proteção sempre que entendam que a sua intervenção não é adequada ou suficiente.

Artigo 67.º

Comunicações das comissões de proteção aos organismos de segurança social

(Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 68.º

Comunicações das comissões de proteção ao Ministério Público

As comissões de proteção comunicam ao Ministério Público:

- a) As situações em que não obtenham a disponibilidade dos meios necessários para proceder à avaliação diagnóstica dos casos, nomeadamente por oposição de um serviço ou instituição e, em particular, as situações de recusa de prestação de informação relativa a dados pessoais sensíveis, designadamente informação clínica, solicitada nos termos do n.º 1 do artigo 13.º-A;
- b) (Revogada.)
- c) (Revogada.)
- d) As situações em que não tenha sido proferida decisão decorridos seis meses após o conhecimento da situação da criança ou do jovem em perigo;
- e) A aplicação da medida que determine ou mantenha a separação da criança ou do jovem dos seus pais, representante legal ou das pessoas que tenham a sua guarda de facto;
- f) Os casos em que, por força da aplicação sucessiva ou isolada das medidas de promoção e proteção previstas nas alíneas a) a c), e) e f) do n.º 1 do artigo 35.º, o somatório de duração das referidas medidas perfaça 18 meses.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 69.º

Comunicações das comissões de proteção ao Ministério Público para efeitos de procedimento cível

As comissões de proteção comunicam ainda ao Ministério Público as situações de facto que justifiquem a regulação ou a alteração do regime de exercício das responsabilidades parentais, a inibição do exercício das responsabilidades parentais, a instauração da tutela ou a adoção de qualquer outra providência cível, nomeadamente nos casos em que se mostre necessária a fixação ou a alteração ou se verifique o incumprimento das prestações de alimentos.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 70.º

Participação dos crimes cometidos contra crianças e jovens

1 - Quando os factos que tenham determinado a situação de perigo constituam crime, as entidades e instituições referidas nos artigos 7.º e 8.º devem comunicá-los imediatamente ao Ministério Público

ou às entidades policiais, sem prejuízo das comunicações previstas nos artigos anteriores.
 2 - As situações previstas no número anterior devem, em simultâneo, ser comunicadas pela comissão de proteção ao magistrado do Ministério Público que, nos termos do n.º 2 do artigo 72.º, acompanha a respetiva atividade.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 71.º

Consequências das comunicações

1 - As comunicações previstas nos artigos anteriores não determinam a cessação da intervenção das entidades e instituições, salvo quando não tiverem sido prestados ou tiverem sido retirados os consentimentos legalmente exigidos.

2 - As comunicações previstas no presente capítulo devem indicar as providências tomadas para proteção da criança ou do jovem e ser acompanhadas de todos os elementos disponíveis que se mostrem relevantes para apreciação da situação, salvaguardada a intimidade da criança ou do jovem.

CAPÍTULO V

Intervenção do Ministério Público

Artigo 72.º

Atribuições

1 - O Ministério Público intervém na promoção e defesa dos direitos das crianças e jovens em perigo, nos termos da presente lei, podendo exigir aos pais, ao representante legal ou a quem tenha a sua guarda de facto os esclarecimentos necessários.

2 - O Ministério Público acompanha a atividade das comissões de proteção, tendo em vista apreciar a legalidade e a adequação das decisões, a fiscalização da sua atividade processual e a promoção dos procedimentos judiciais adequados.

3 - Compete, ainda, em especial, ao Ministério Público representar as crianças e jovens em perigo, propondo ações, requerendo providências tutelares cíveis e usando de quaisquer meios judiciais necessários à promoção e defesa dos seus direitos e à sua proteção, incluindo promover os procedimentos de naturalização, nos termos do n.º 3 do artigo 6.º da Lei n.º 37/81, de 3 de outubro.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 26/2018, de 05 de Julho

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 73.º

Iniciativa do processo judicial de promoção e protecção

1 - O Ministério Público requer a abertura do processo judicial de promoção dos direitos e de proteção quando:

- a) Tenha conhecimento das situações de crianças e jovens em perigo residentes em áreas em que não esteja instalada comissão de proteção, sem prejuízo do disposto no artigo seguinte;
- b) Recebidas as comunicações a que se refere o artigo 68.º, considere haver indícios de situação de perigo para a criança ou jovem, suscetíveis de reclamar a aplicação de medida judicial de promoção e proteção;
- c) Requeira a apreciação judicial da decisão da comissão de proteção nos termos do artigo 76.º

2 - No caso previsto na alínea b) do número anterior, o Ministério Público, antes de requerer a abertura do processo judicial, pode requisitar à comissão o processo relativo ao menor e solicitar-lhe os esclarecimentos que tiver por convenientes.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 74.º

Arquivamento liminar

O Ministério Público arquiva liminarmente, através de despacho fundamentado, as comunicações que receba quando seja manifesta a sua falta de fundamento ou a desnecessidade da intervenção.

Artigo 75.º

Requerimento de providências tutelares cíveis

O Ministério Público requer ao tribunal as providências tutelares cíveis adequadas:

- a) Quando a comissão de proteção lhe haja remetido o processo de promoção e proteção por falta de

competência para aplicação da medida adequada, nos termos previstos no artigo 38.º, e concorde com o entendimento da comissão de proteção;

b) Sempre que considere necessário, nomeadamente nas situações previstas no artigo 69.º

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 76.º

Requerimento para apreciação judicial

- 1 - O Ministério Público requer a apreciação judicial da decisão da comissão de proteção quando entenda que as medidas aplicadas são ilegais ou inadequadas para promoção dos direitos e proteção da criança ou do jovem em perigo.
- 2 - O requerimento para apreciação judicial da decisão da comissão de proteção indica os fundamentos da necessidade de intervenção judicial e é acompanhado do processo da comissão.
- 3 - Para efeitos do número anterior, o Ministério Público requisita previamente à comissão de proteção o respetivo processo.
- 4 - O requerimento para apreciação judicial deve ser apresentado no prazo de 15 dias após o recebimento da comunicação da decisão da comissão pelo Ministério Público e dele é dado conhecimento à comissão de proteção.
- 5 - O presidente da comissão de proteção é ouvido sobre o requerimento do Ministério Público.

CAPÍTULO VI

Disposições processuais gerais

Artigo 77.º

Disposições comuns

As disposições do presente capítulo aplicam-se aos processos de promoção dos direitos e de proteção, adiante designados processos de promoção e proteção, instaurados nas comissões de proteção ou nos tribunais.

Artigo 78.º

Caráter individual e único do processo

O processo de promoção e proteção é individual, sendo organizado um único processo para cada criança ou jovem.

Artigo 79.º

Competência territorial

- 1 - É competente para a aplicação das medidas de promoção e proteção a comissão de proteção ou o tribunal da área da residência da criança ou do jovem no momento em que é recebida a comunicação da situação ou instaurado o processo judicial.
- 2 - Se a residência da criança ou do jovem não for conhecida, nem for possível determiná-la, é competente a comissão de proteção ou o tribunal do lugar onde aquele for encontrado.
- 3 - Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, a comissão de proteção ou o tribunal do lugar onde a criança ou o jovem for encontrado realiza as diligências consideradas urgentes e toma as medidas necessárias para a sua proteção imediata.
- 4 - Se, após a aplicação de medida não cautelar, a criança ou o jovem mudar de residência por período superior a três meses, o processo é remetido à comissão de proteção ou ao tribunal da área da nova residência.
- 5 - Para efeitos do disposto no número anterior, a execução de medida de promoção e proteção de acolhimento não determina a alteração de residência da criança ou jovem acolhido.
- 6 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, a comissão de proteção com competência territorial na área do município ou freguesia de acolhimento da criança ou jovem, presta à comissão que aplicou a medida de promoção e proteção toda a colaboração necessária ao efetivo acompanhamento da medida aplicada, que para o efeito lhe seja solicitada.
- 7 - Salvo o disposto no n.º 4, são irrelevantes as modificações de facto que ocorrerem posteriormente ao momento da instauração do processo.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 80.º

Apensação de processos

Sem prejuízo das regras de competência territorial, quando a situação de perigo abranger

simultaneamente mais de uma criança ou jovem, pode ser instaurado um único processo e, tendo sido instaurado processos distintos, pode proceder-se à apensação de todos eles ao que foi instaurado em primeiro lugar, se as relações familiares ou as situações de perigo em concreto o justificarem

Artigo 81.º

Apensação de processos de natureza diversa

1 - Quando, relativamente à mesma criança ou jovem, forem instaurados, sucessivamente ou em separado, processos de promoção e proteção, inclusive na comissão de proteção, tutelar educativo ou relativos a providências tutelares cíveis, devem os mesmos correr por apenso, independentemente do respetivo estado, sendo competente para deles conhecer o juiz do processo instaurado em primeiro lugar.

2 - (Revogado.)

3 - Para efeitos do disposto no n.º 1, o juiz solicita à comissão de proteção que o informe sobre qualquer processo de promoção e proteção pendente ou que venha a ser instaurado posteriormente relativamente à mesma criança ou jovem.

4 - A apensação a que se reporta o n.º 1 tem lugar independentemente do estado dos processos.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 82.º

Jovem arguido em processo penal

1 - Quando relativamente a um mesmo jovem correrem simultaneamente processo de promoção e proteção e processo penal, a comissão de proteção ou a secção de família e menores remete à autoridade judiciária competente para o processo penal cópia da respetiva decisão, podendo acrescentar as informações sobre a inserção familiar e socioprofissional do jovem que considere adequadas.

2 - Os elementos referidos no número anterior são remetidos após a notificação ao jovem do despacho que designa dia para a audiência de julgamento, sendo-lhes correspondentemente aplicável o disposto nos artigos 369.º, n.º 1, 370.º, n.º 3, e 371.º, n.º 2, do Código de Processo Penal.

3 - Quando o jovem seja preso preventivamente, os elementos constantes do n.º 1 podem ser remetidos a todo o tempo, a solicitação deste ou do defensor, ou com o seu consentimento.

4 - As autoridades judiciárias participam às entidades competentes em matéria de promoção dos direitos e proteção as situações de jovens arguidos em processo penal que se encontrem em perigo, remetendo-lhes os elementos de que disponham e que se mostrem relevantes para a apreciação da situação, nos termos do n.º 2 do artigo 71.º

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 82.º-A

Gestor de processo

Para cada processo de promoção e proteção a comissão de proteção de crianças e jovens ou o tribunal competentes designam um técnico gestor de processo, ao qual compete mobilizar os intervenientes e os recursos disponíveis para assegurar de forma global, coordenada e sistémica, todos os apoios, serviços e acompanhamento de que a criança ou jovem e a sua família necessitam, prestando informação sobre o conjunto da intervenção desenvolvida.

Aditado pelo seguinte diploma: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 83.º

Aproveitamento dos atos anteriores

As comissões de proteção e os tribunais devem abster-se de ordenar a repetição de diligências já efetuadas, nomeadamente relatórios sociais ou exames médicos, salvo quando o interesse superior da criança exija a sua repetição ou esta se torne necessária para assegurar o princípio do contraditório.

Artigo 84.º

Audição da criança e do jovem

As crianças e os jovens são ouvidos pela comissão de proteção ou pelo juiz sobre as situações que deram origem à intervenção e relativamente à aplicação, revisão ou cessação de medidas de

promoção e proteção, nos termos previstos nos artigos 4.º e 5.º do Regime Geral do Processo Tutelar Cível, aprovado pela Lei n.º 141/2015, de 8 de setembro.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 85.º

Audição dos titulares das responsabilidades parentais

- 1 - Os pais, o representante legal e as pessoas que tenham a guarda de facto da criança ou do jovem são obrigatoriamente ouvidos sobre a situação que originou a intervenção e relativamente à aplicação, revisão ou cessação de medidas de promoção e proteção.
- 2 - Ressalvam-se do disposto no número anterior as situações de ausência, mesmo que de facto, por impossibilidade de contacto devida a desconhecimento do paradeiro, ou a outra causa de impossibilidade, e os de inibição do exercício das responsabilidades parentais.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 86.º

Informação e assistência

- 1 - O processo deve decorrer de forma compreensível para a criança ou jovem, considerando a idade e o grau de desenvolvimento intelectual e psicológico.
- 2 - Na audição da criança ou do jovem e no decurso de outros atos processuais ou diligências que o justifiquem, a comissão de proteção ou o juiz podem determinar a intervenção ou a assistência de médicos, psicólogos ou outros especialistas ou de pessoa da confiança da criança ou do jovem, ou determinar a utilização dos meios técnicos que lhes pareçam adequados.

Artigo 87.º

Exames

- 1 - Os exames médicos que possam ofender o pudor da criança ou do jovem apenas são ordenados quando for julgado indispensável e o seu interesse o exigir e devem ser efetuados na presença de um dos progenitores ou de pessoa da confiança da criança ou do jovem, salvo se o examinado o não desejar ou o seu interesse o exigir.
- 2 - Os exames médicos referidos no número anterior são realizados por pessoal médico devidamente qualificado, sendo garantido à criança ou ao jovem o necessário apoio psicológico.
- 3 - Aos exames médicos é correspondentemente aplicável o disposto nos artigos 9.º e 10.º, salvo nas situações de emergência previstas no artigo 91.º
- 4 - Os exames têm caráter de urgência e, salvo quando outro prazo for exigido pela sua natureza, os respetivos relatórios são apresentados no prazo máximo de 30 dias.
- 5 - A comissão de proteção ou o tribunal podem, quando necessário para assegurar a proteção da criança ou do jovem, requerer ao tribunal certidão dos relatórios dos exames efetuados em processos relativos a crimes de que tenham sido vítimas, que possam ser utilizados como meios de prova.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 88.º

Caráter reservado do processo

- 1 - O processo de promoção e proteção é de caráter reservado.
- 2 - Os membros da comissão de proteção têm acesso aos processos em que intervenham, sendo aplicável, nos restantes casos, o disposto nos n.os 1 e 5.
- 3 - Os pais, o representante legal e as pessoas que detenham a guarda de facto podem consultar o processo pessoalmente ou através de advogado.
- 4 - A criança ou jovem podem consultar o processo através do seu advogado ou pessoalmente se o juiz ou o presidente da comissão o autorizar, atendendo à sua maturidade, capacidade de compreensão e natureza dos factos.
- 5 - Pode ainda consultar o processo, diretamente ou através de advogado, quem manifeste interesse legítimo, quando autorizado e nas condições estabelecidas em despacho do presidente da comissão de proteção ou do juiz, conforme o caso.
- 6 - Os processos das comissões de proteção são destruídos quando a criança ou jovem atinjam a maioridade ou, nos casos da alínea d) do n.º 1 e do n.º 2 do artigo 63.º, os 21 anos ou 25 anos, respetivamente.
- 7 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, a informação a que alude o disposto no n.º 1 do artigo 13.º-A é destruída assim que o processo ao abrigo do qual foi recolhida seja arquivado, pelo

facto de a situação de perigo não se comprovar ou já não subsistir.

8 - Em caso de aplicação da medida de promoção e proteção prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º, deve ser respeitado o segredo de identidade relativo aos adotantes e aos pais biológicos do adotado, nos termos previstos no artigo 1985.º do Código Civil e nos artigos 4.º e 5.º do Regime Jurídico do Processo de Adoção, aprovado pela Lei n.º 143/2015, de 8 de setembro, e, salvo disposição especial, os pais biológicos não são notificados para os termos do processo posteriores ao trânsito em julgado da decisão que a aplicou.

9 - Quando o processo tenha sido arquivado nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 21.º, é destruído passados dois anos após o arquivamento.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro
- Lei n.º 23/2017, de 23 de Maio

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- 3ª versão: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 89.º

Consulta para fins científicos

1 - A comissão de proteção ou o tribunal podem autorizar a consulta dos processos por instituições credenciadas no domínio científico, ficando todos aqueles que lhe tiverem acesso obrigados a dever de segredo relativamente àquilo de que tomarem conhecimento.

2 - A divulgação de quaisquer estudos deve ser feita de modo que torne impossível a identificação das pessoas a quem a informação disser respeito.

3 - Para fins científicos podem, com autorização da comissão restrita de proteção ou do juiz, ser publicadas peças de processos, desde que se impossibilite a identificação da criança ou jovem, seus familiares e restantes pessoas nelas referidas.

Artigo 90.º

Comunicação social

1 - Os órgãos de comunicação social, sempre que divulguem situações de crianças ou jovens em perigo, não podem identificar, nem transmitir elementos, sons ou imagens que permitam a sua identificação, sob pena de os seus agentes incorrerem na prática de crime de desobediência.

2 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, os órgãos de comunicação social podem relatar o conteúdo dos atos públicos do processo judicial de promoção e proteção.

3 - Sempre que tal seja solicitado e sem prejuízo do disposto no n.º 1, o presidente da comissão de proteção ou o juiz do processo informam os órgãos de comunicação social sobre os factos, decisão e circunstâncias necessárias para a sua correta compreensão.

CAPÍTULO VII

Procedimentos de urgência

Artigo 91.º

Procedimentos urgentes na ausência do consentimento

1 - Quando exista perigo atual ou iminente para a vida ou de grave comprometimento da integridade física ou psíquica da criança ou jovem, e na ausência de consentimento dos detentores das responsabilidades parentais ou de quem tenha a guarda de facto, qualquer das entidades referidas no artigo 7.º ou as comissões de proteção tomam as medidas adequadas para a sua proteção imediata e solicitam a intervenção do tribunal ou das entidades policiais.

2 - A entidade que intervém nos termos do número anterior dá conhecimento imediato das situações a que aí se alude ao Ministério Público ou, quando tal não seja possível, logo que cesse a causa da impossibilidade.

3 - Enquanto não for possível a intervenção do tribunal, as autoridades policiais retiram a criança ou o jovem do perigo em que se encontra e asseguram a sua proteção de emergência em casa de acolhimento, nas instalações das entidades referidas no artigo 7.º ou em outro local adequado.

4 - O Ministério Público, recebida a comunicação efetuada por qualquer das entidades referidas nos números anteriores, requer imediatamente ao tribunal competente procedimento judicial urgente nos termos do artigo seguinte.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 92.º

Procedimentos judiciais urgentes

1 - O tribunal, a requerimento do Ministério Público, quando lhe sejam comunicadas as situações referidas no artigo anterior, profere decisão provisória, no prazo de quarenta e oito horas, confirmando as providências tomadas para a imediata proteção da criança ou do jovem, aplicando qualquer uma das medidas previstas no artigo 35.º ou determinando o que tiver por conveniente relativamente ao destino da criança ou do jovem.

2 - Para efeitos do disposto no número anterior, o tribunal procede às averiguações sumárias e indispensáveis e ordena as diligências necessárias para assegurar a execução das suas decisões, podendo recorrer às entidades policiais e permitir às pessoas a quem incumba do cumprimento das suas decisões a entrada, durante o dia, em qualquer casa.

3 - Proferida a decisão provisória referida no n.º 1, o processo segue os seus termos como processo judicial de promoção e proteção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

CAPÍTULO VIII

Do processo nas comissões de proteção de crianças e jovens

Artigo 93.º**Iniciativa da intervenção das comissões de protecção**

Sem prejuízo do disposto nos artigos 64.º a 66.º, as comissões de proteção intervêm:

- a) A solicitação da criança ou do jovem, dos seus pais, representante legal ou das pessoas que tenham a sua guarda de facto;
- b) Por sua iniciativa, em situações de que tiverem conhecimento no exercício das suas funções.

Artigo 94.º**Informação e audição dos interessados**

1 - A comissão de proteção, recebida a comunicação da situação ou depois de proceder a diligências sumárias que a confirmem, deve contactar a criança ou o jovem, os titulares das responsabilidades parentais ou a pessoa com quem a criança ou o jovem residam, informando-os da situação e ouvindo-os sobre ela.

2 - A comissão de proteção deve informar as pessoas referidas no número anterior do modo como se processa a sua intervenção, das medidas que pode tomar, do direito de não autorizarem a intervenção e suas possíveis consequências e do seu direito a fazerem-se acompanhar de advogado.

3 - As diligências sumárias referidas no n.º 1 destinam-se apenas à obtenção, junto da entidade que comunicou a situação de perigo, de elementos que possam confirmá-la ou esclarecê-la.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 95.º**Falta do consentimento**

1 - As Comissões de Proteção diligenciam junto dos pais, representante legal ou da pessoa que tenha a guarda de facto da criança ou do jovem, pela obtenção do consentimento a que se refere o artigo 9.º

2 - Faltando ou tendo sido retirados os consentimentos previstos no artigo 9.º, ou havendo oposição da criança ou do jovem, nos termos do artigo 10.º, a comissão abstém-se de intervir e remete o processo ao Ministério Público competente.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 96.º**Diligências nas situações de guarda ocasional**

1 - Quando a criança se encontre a viver com uma pessoa que não detenha as responsabilidades parentais, nem a sua guarda de facto, a comissão de proteção deve diligenciar de imediato, por todos os meios ao seu alcance, no sentido de entrar em contacto com as pessoas que devem prestar o consentimento, para que estes ponham cobro à situação de perigo ou prestem o consentimento para a intervenção.

2 - Até ao momento em que o contacto com os pais ou representantes legais seja possível e sem prejuízo dos procedimentos de urgência, a comissão de proteção proporciona à criança ou ao jovem os meios de apoio adequados, salvo se houver oposição da pessoa com quem eles residem.

3 - Quando se verifique a oposição referida no número anterior, a comissão de proteção comunica

imediatamente a situação ao Ministério Público.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 97.º

Processo

- 1 - O processo inicia-se com o recebimento da comunicação escrita ou com o registo das comunicações verbais ou dos factos de que a referida comissão tiver conhecimento.
- 2 - O processo da comissão de proteção inclui a recolha de informação, as diligências e os exames necessários e adequados ao conhecimento da situação, à fundamentação da decisão, à aplicação da respetiva medida e à sua execução.
- 3 - O processo é organizado de modo simplificado, nele se registando por ordem cronológica os atos e diligências praticados ou solicitados pela comissão de proteção que fundamentem a prática dos atos previstos no número anterior.
- 4 - Relativamente a cada processo é transcrita na ata da comissão restrita, de forma sumária, a deliberação e a sua fundamentação.
- 5 - Os atos praticados por comissão de proteção a rogo de outra, designadamente ao nível da instrução de processos ou de acompanhamento de medidas de promoção e proteção, integram a atividade processual da comissão, sendo registados como atos de colaboração.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 98.º

Decisão relativa à medida

- 1 - Reunidos os elementos sobre a situação da criança ou do jovem, a comissão restrita, em reunião, aprecia o caso, arquivando o processo quando a situação de perigo não se confirme ou já não subsista, ou delibera a aplicação da medida adequada.
- 2 - Perante qualquer proposta de intervenção da comissão de proteção, as pessoas a que se referem os artigos 9.º e 10.º podem solicitar um prazo, não superior a oito dias, para prestar consentimento ou manifestar a não oposição.
- 3 - Havendo acordo entre a comissão de proteção e as pessoas a que se referem os artigos 9.º e 10.º no tocante à medida a adotar, a decisão é reduzida a escrito, tomando a forma de acordo, nos termos do disposto nos artigos 55.º a 57.º, o qual é assinado pelos intervenientes.
- 4 - Não havendo acordo, e mantendo-se a situação que justifique a aplicação de medida, aplica-se o disposto na alínea d) do n.º 1 do artigo 11.º

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 99.º

Arquivamento do processo

Cessando a medida, o processo é arquivado, só podendo ser reaberto se ocorrerem factos que justifiquem a aplicação de medida de promoção e proteção.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:
- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

CAPÍTULO IX

Do processo judicial de promoção e protecção

Artigo 100.º

Processo

O processo judicial de promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens em perigo, doravante designado processo judicial de promoção e proteção, é de jurisdição voluntária.

Artigo 101.º

Tribunal competente

- 1 - Compete às secções de família e menores da instância central do tribunal de comarca a instrução e o julgamento do processo.
- 2 - Fora das áreas abrangidas pela jurisdição das secções de família e menores cabe às secções cíveis da instância local conhecer das causas que àquelas estão atribuídas, por aplicação, com as devidas

adaptações, do disposto no n.º 5 do artigo 124.º da Lei da Organização do Sistema Judiciário, aprovada pela Lei n.º 62/2013, de 26 de agosto.

3 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, em caso de não ocorrer desdobramento, cabe às secções de competência genérica da instância local conhecer das causas ali referidas, conforme o disposto na alínea a) do n.º 1 do artigo 130.º da Lei n.º 62/2013, de 26 de agosto.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, o tribunal constitui-se em secção de família e menores.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 102.º

Processos urgentes

1 - Os processos judiciais de promoção e proteção são de natureza urgente, correndo nas férias judiciais.

2 - Os processos não estão sujeitos a distribuição, sendo imediatamente averbados ao juiz de turno.

Artigo 103.º

Advogado

1 - Os pais, o representante legal ou quem tiver a guarda de facto podem, em qualquer fase do processo, constituir advogado ou requerer a nomeação de patrono que o represente, a si ou à criança ou ao jovem.

2 - É obrigatória a nomeação de patrono à criança ou jovem quando os seus interesses e os dos seus pais, representante legal ou de quem tenha a guarda de facto sejam conflitantes e ainda quando a criança ou jovem com a maturidade adequada o solicitar ao tribunal.

3 - A nomeação do patrono é efetuada nos termos da lei do apoio judiciário.

4 - No debate judicial é obrigatória a constituição de advogado ou a nomeação de patrono aos pais quando esteja em causa a aplicação da medida prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º e, em qualquer caso, à criança ou jovem.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 104.º

Contraditório

1 - A criança ou jovem, os seus pais, representante legal ou quem tiver a guarda de facto têm direito a requerer diligências e oferecer meios de prova.

2 - No debate judicial podem ser apresentadas alegações escritas e é assegurado o contraditório.

3 - O contraditório quanto aos factos e à medida aplicável é sempre assegurado em todas as fases do processo, designadamente na conferência tendo em vista a obtenção de acordo e no debate judicial, quando se aplicar a medida prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 105.º

Iniciativa processual

1 - A iniciativa processual cabe ao Ministério Público.

2 - Os pais, o representante legal, as pessoas que tenham a guarda de facto e a criança ou jovem com idade superior a 12 anos podem também requerer a intervenção do tribunal no caso previsto na alínea g) do artigo 11.º

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 106.º

Fases do processo

1 - O processo de promoção e proteção é constituído pelas fases de instrução, decisão negociada, debate judicial, decisão e execução da medida.

2 - Recebido o requerimento inicial, o juiz profere despacho de abertura de instrução ou, se considerar que dispõe de todos os elementos necessários:

a) Designa dia para conferência com vista à obtenção de acordo de promoção e proteção ou tutelar cível adequado;

- b) Decide o arquivamento do processo, nos termos do artigo 111.º; ou
 c) Ordena as notificações a que se refere o n.º 1 do artigo 114.º, seguindo-se os demais termos aí previstos.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 107.º

Despacho inicial

1 - Declarada aberta a instrução, o juiz designa data para a audiência obrigatória:

- a) Da criança ou do jovem;
 b) Dos pais, do representante legal da criança ou do jovem ou da pessoa que tenha a sua guarda de facto.

2 - No mesmo despacho, o juiz, sempre que o julgar conveniente, pode designar dia para ouvir os técnicos que conheçam a situação da criança ou do jovem a fim de prestarem os esclarecimentos necessários.

3 - Com a notificação da designação da data referida no n.º 1 procede-se também à notificação dos pais, representantes legais ou de quem tenha a guarda de facto da criança ou do jovem para, querendo, requererem a realização de diligências instrutórias ou juntarem meios de prova.

Artigo 108.º

Informação ou relatório social

1 - O juiz, se o entender necessário, pode utilizar, como meios de obtenção da prova, a informação ou o relatório social sobre a situação da criança e do jovem e do seu agregado familiar.

2 - A informação e o relatório social são solicitados pelo juiz às equipas ou entidades a que alude o n.º 3 do artigo 59.º, nos prazos de oito e 30 dias, respetivamente.

3 - (Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 109.º

Duração

A instrução do processo de promoção e de proteção não pode ultrapassar o prazo de quatro meses.

Artigo 110.º

Encerramento da instrução

1 - O juiz, ouvido o Ministério Público, declara encerrada a instrução e:

- a) Decide o arquivamento do processo;
 b) Designa dia para conferência com vista à obtenção de acordo de promoção e proteção ou tutelar cível adequado; ou
 c) Quando se mostre manifestamente improvável uma solução negociada, determina o prosseguimento do processo para realização de debate judicial e ordena as notificações a que se refere o n.º 1 do artigo 114.º

2 - Quando a impossibilidade de obtenção de acordo quanto à medida de promoção e proteção resultar de comprovada ausência em parte incerta de ambos os progenitores, ou de um deles, quando o outro manifeste a sua adesão à medida de promoção e proteção, o juiz pode dispensar a realização do debate judicial.

3 - O disposto no número anterior é aplicável, com as devidas adaptações, ao representante legal e ao detentor da guarda de facto da criança ou jovem.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 111.º

Arquivamento

O juiz decide o arquivamento do processo quando concluir que, em virtude de a situação de perigo não se comprovar ou já não subsistir, se tornou desnecessária a aplicação de medida de promoção e proteção, podendo o mesmo processo ser reaberto se ocorrerem factos que justifiquem a referida aplicação.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes

Versões anteriores deste artigo:

diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 112.º**Decisão negociada**

O juiz convoca para a conferência, com vista à obtenção de acordo de promoção e proteção, o Ministério Público, os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto, a criança ou jovem com mais de 12 anos e as pessoas e representantes de entidades cuja presença e subscrição do acordo seja entendida como relevante.

Artigo 112.º-A**Acordo tutelar cível**

1 - Na conferência e verificados os pressupostos legais, o juiz homologa o acordo alcançado em matéria tutelar cível, ficando este a constar por apenso.

2 - Não havendo acordo seguem-se os trâmites dos artigos 38.º a 40.º do Regime Geral do Processo Tutelar Cível, aprovado pela Lei n.º 141/2015, de 8 de setembro.

Aditado pelo seguinte diploma: Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Artigo 113.º**Acordo de promoção e protecção**

1 - Ao acordo de promoção e proteção é aplicável, com as devidas adaptações, o disposto nos artigos 55.º a 57.º

2 - Não havendo oposição do Ministério Público, o acordo é homologado por decisão judicial.

3 - O acordo fica a constar da ata e é subscrito por todos os intervenientes.

Artigo 114.º**Debate judicial**

1 - Se não tiver sido possível obter o acordo de promoção e proteção, ou tutelar cível adequado, ou quando estes se mostrem manifestamente improváveis, o juiz notifica o Ministério Público, os pais, o representante legal, quem detiver a guarda de facto e a criança ou jovem com mais de 12 anos para alegarem, por escrito, querendo, e apresentarem prova no prazo de 10 dias.

2 - O Ministério Público deve alegar por escrito e apresentar provas sempre que considerar que a medida a aplicar é a prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º

3 - Recebidas as alegações e apresentada a prova, o juiz designa dia para o debate judicial e ordena a notificação das pessoas que devam comparecer.

4 - Com a notificação da data para o debate judicial é dado conhecimento aos pais, ao representante legal ou a quem tenha a guarda de facto das alegações e prova apresentada pelo Ministério Público e a este das restantes alegações e prova apresentada.

5 - Para efeitos do disposto no artigo 62.º não há debate judicial, exceto se estiver em causa:

- a) A substituição da medida de promoção e proteção aplicada; ou
- b) A prorrogação da execução de medida de colocação.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto
- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro
- 2ª versão: Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto

Artigo 115.º**Composição do tribunal**

O debate judicial será efetuado perante um tribunal composto pelo juiz, que preside, e por dois juizes sociais.

Artigo 116.º**Organização do debate judicial**

1 - O debate judicial é contínuo, decorrendo sem interrupção ou adiamento até ao encerramento, salvo as suspensões necessárias para alimentação e repouso dos participantes.

2 - O debate judicial não pode ser adiado e inicia-se com a produção da prova e audição das pessoas presentes, ordenando o juiz as diligências necessárias para que compareçam os não presentes na data que designar para o seu prosseguimento.

3 - A leitura da decisão é pública, mas ao debate judicial só podem assistir as pessoas que o tribunal expressamente autorizar.

Artigo 117.º**Regime das provas**

Para a formação da convicção do tribunal e para a fundamentação da decisão só podem ser consideradas as provas que puderem ter sido contraditadas durante o debate judicial.

Artigo 118.º**Documentação**

1 - A audiência é sempre gravada, devendo apenas ser assinalados na ata o início e o termo de cada depoimento, declaração, informação, esclarecimento, requerimento e respetiva resposta, despacho, decisão e alegações orais.

2 - (Revogado.)

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 119.º**Alegações**

Produzida a prova, o juiz concede a palavra ao Ministério Público e aos advogados para alegações, por trinta minutos cada um.

Artigo 120.º**Competência para a decisão**

1 - Terminado o debate, o tribunal recolhe para decidir.

2 - A decisão é tomada por maioria de votos, votando em primeiro lugar os juizes sociais, por ordem crescente de idade, e, no fim, o juiz presidente.

Artigo 121.º**Decisão**

1 - A decisão inicia-se por um relatório sucinto, em que se identifica a criança ou jovem, os seus pais, representante legal, ou a pessoa que tem a guarda de facto e se procede a uma descrição da tramitação do processo.

2 - Ao relatório segue-se a fundamentação que consiste na enumeração dos factos provados e não provados, bem como na sua valoração e exposição das razões que justificam o arquivamento ou a aplicação de uma medida de promoção e proteção, terminando pelo dispositivo e decisão.

Artigo 122.º**Leitura da decisão**

1 - A decisão é lida pelo juiz presidente, podendo ser ditada para a ata, em ato contínuo à deliberação.

2 - Nos casos de especial complexidade, o debate judicial pode ser suspenso e designado novo dia para leitura da decisão.

Artigo 122.º-A**Notificação da decisão**

A decisão é notificada às pessoas referidas no n.º 2 do artigo seguinte, contendo informação sobre a possibilidade, a forma e o prazo de interposição do recurso.

Aditado pelo seguinte diploma: [Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro](#)

Artigo 123.º**Recursos**

1 - Cabe recurso das decisões que, definitiva ou provisoriamente, se pronunciem sobre a aplicação, alteração ou cessação de medidas de promoção e proteção e sobre a decisão que haja autorizado contactos entre irmãos, nos casos previstos no n.º 7 do artigo 62.º-A.

2 - Podem recorrer o Ministério Público, a criança ou o jovem, os pais, o representante legal e quem tiver a guarda de facto da criança ou do jovem.

3 - O recurso de decisão que tenha aplicado a medida prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º é decidido no prazo máximo de 30 dias, a contar da data de receção dos autos no tribunal superior.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 124.º

Processamento e efeito dos recursos

1 - Os recursos são processados e julgados como em matéria cível, sendo o prazo de alegações e de resposta de 10 dias.

2 - Com exceção do recurso da decisão que aplique a medida prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 35.º e do recurso da decisão que haja autorizado contactos entre irmãos, nos casos previstos no n.º 7 do artigo 62.º-A, os quais têm efeito suspensivo, cabe ao tribunal recorrido fixar o efeito do recurso.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro

Artigo 125.º

A execução da medida

No processo judicial de promoção e proteção a execução da medida será efetuada nos termos dos n.os 2 e 3 do artigo 59.º

Artigo 126.º

Direito subsidiário

Ao processo de promoção e proteção são aplicáveis subsidiariamente, com as devidas adaptações, na fase de debate judicial e de recurso, as normas relativas ao processo civil declarativo comum.

Contém as alterações introduzidas pelos seguintes diplomas:

- Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro

Versões anteriores deste artigo:

- 1ª versão: Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro



Regulamento Interno

Comissão de Protecção
de
Crianças e Jovens
de
Pombal



CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 1.º

Identificação da Comissão de Proteção de Crianças e jovens

1. A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de setembro, com a atual redação que foi dada pela Lei nº 142/2015, de 8 de setembro, e pela Lei nº 23/2017, de 23 de maio, regula a criação, competência e funcionamento das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em todos os concelhos do país.
2. A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Pombal, adiante designada por CPCJ, instalada pela portaria de reorganização nº 126-BE, de 30/12/2000, rege-se pelo presente regulamento.

Artigo 2.º

Natureza

1. A CPCJ é uma instituição oficial não judiciária com autonomia funcional, que visa promover os direitos da criança e do jovem, e prevenir ou pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação, ou desenvolvimento integral.
2. A CPCJ intervém em situações de crianças em perigo, subsidiariamente em relação às entidades com competência em matéria de infância e juventude, em conformidade com o princípio orientador da intervenção consagrado na alínea k) do artigo 4.º da LPCJP.
3. A CPCJ exerce as suas atribuições em conformidade com a lei e delibera com imparcialidade e independência.

Artigo 3.º

Competência territorial

A CPCJ de Pombal exerce as suas competências na área do Município de Pombal.

Artigo 4.º

Sede e local de funcionamento

A CPCJ de Pombal tem a sua sede e local de funcionamento na seguinte morada:
[Edifício Manuel Henriques, 3100-440 Pombal.](#)

Artigo 5.º

Endereço electrónico

A CPCJ tem como endereço electrónico, cpcj.pombal@cnpdpcj.pt, o qual deve ser acedido diariamente pela/a presidente da Comissão, pela/o secretária/o ou pela assistente técnica da mesma.

Artigo 6.º

Internet

A CPCJ possui página facebook cuja atualização é efetuada pela/o presidente da Comissão, pela/o secretária/o ou pela assistente técnica da mesma.

CAPÍTULO II

FUNCIONAMENTO DA CPCJ

Artigo 7.º

Modalidades de funcionamento

A CPCJ funciona nas modalidades alargada e restrita, doravante designadas, respetivamente por comissão alargada e comissão restrita.

Artigo 8.º

Horário

1. A fim de dar cumprimento à competência prevista no artigo 21.º, n.º 2 alínea a) da LPCJP, a comissão restrita tem o seguinte horário: das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30.
2. A informação sobre o horário encontra-se afixada em local visível do exterior.

Artigo 9.º

Atendimento

1. O atendimento na CPCJ respeita em primeiro lugar o agendamento estabelecido no âmbito dos processos, tendo ainda em conta as regras referentes ao atendimento prioritário estabelecidas no Decreto-Lei n.º 58/2016, de 29 de agosto.
2. Todas as pessoas que espontaneamente se dirijam às instalações da CPCJ são atendidas, esclarecidas e/ ou encaminhadas, no imediato ou por marcação.

Artigo 10.º

Livro de reclamações

1. A CPCJ dispõe de registo de reclamações, vulgo “livro amarelo” conforme dispõe o artigo 13.º-B da LPCJP, devendo a comissão proceder em conformidade com os procedimentos previstos nos artigos 35.º-A e 38.º do Decreto-Lei n.º 135/99, de 22 de abril, alterado pelos Decretos-Lei n.º 29/2000, de 13 de março, 72-A/2010, de 18 de junho, 73/2014, de 13 de maio, adaptado de acordo com as instruções recebidas da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, o qual se encontra em local facilmente acessível devendo ser disponibilizado, logo que solicitado.
2. A informação sobre a existência do livro de reclamações é afixada em local visível ao público.
3. Logo que uma reclamação seja efetuada, tomar-se-ão os procedimentos referenciados no ponto 1 do presente artigo, nos prazos previstos na legislação ali identificada.

4. Das reclamações lavradas no livro, deverá ser dado conhecimento do seu conteúdo e encaminhamento aos membros da comissão restrita, cabendo tal função à/ao sua/seu presidente e, na sua ausência à/ao secretária/o.

5. No que se reportar a conteúdos alusivos ao funcionamento da Comissão na modalidade alargada, o conhecimento da reclamação deve ser apresentado a esta pela/o presidente, ou na sua ausência, pela/o secretária/o.

Artigo 11.º

Registo de expediente

1. Todo o expediente entrado na CPCJ é registado e devidamente arquivado, dando-se do registo conhecimento ao/à presidente da comissão e, na sua ausência à/ao secretária/o.

2. No registo daquele que origine processo ou se destine a ser integrado em processo, constará a identificação do mesmo.

3. Caberá à/ao presidente da comissão ou na sua ausência à/ao secretária/o, o encaminhamento de todo o expediente, devendo ser aposto “visto” ou “despacho”, com respetiva data.

Artigo 12.º

Arquivo e destruição de expediente

O expediente pertença da CPCJ é arquivado e eliminado de acordo com a lei geral, à exceção daquele que respeita aos processos de promoção e proteção, cujo arquivo e eliminação seguirá os procedimentos de acordo com o que se encontra previsto na LPCJP, designadamente no nº 6, do artigo 88.º e alínea d) do nº1 e no nº2 do artigo 63.º da LPCJP, com as alterações introduzidas pela Lei nº23/2017 de 23 de maio.

Artigo 13.º

Reuniões

1. Para manifestação de vontade da comissão sobre qualquer assunto da sua competência, os membros deverão deliberar em reunião.

2. As reuniões podem ser ordinárias ou extraordinárias.

Artigo 14.º

Reuniões ordinárias da comissão alargada

1. As reuniões ordinárias da comissão alargada têm lugar, no mínimo mensalmente, nos termos da lei, ou em período inferior a definir pela comissão.
2. No seu agendamento, o dia e hora a designar deve ser tido em conta, tanto quanto possível, a disponibilidade dos seus membros.

Artigo 15.º

Reuniões extraordinárias

1. As reuniões extraordinárias têm lugar mediante convocação da/o presidente ou da/o secretária/o na ausência daquela/e.
2. O/A presidente procede à convocação das reuniões sempre que, pelo menos, um terço dos membros da comissão lhe solicite por escrito, indicando o assunto a ser tratado.
3. O/A presidente procede, ainda, à convocação da reunião, sempre que o assunto a discutir exija deliberação urgente, devidamente fundamentada.
4. Independentemente do número de membros que requeiram a marcação da reunião, cabe à/ao presidente, nesta situação, a avaliação da fundamentação e necessidade de realização da mesma, procedendo a despacho com o devido deferimento ou indeferimento do pedido, devidamente fundamentado.

Artigo 16.º

Convocatória para realização da reunião

1. A fim de realizar a reunião da comissão, a/o presidente procede ao envio da convocatória a cada membro contendo a respetiva ordem de trabalhos, solicitando confirmação da sua receção, independentemente de se tratar de reunião com carácter ordinário ou extraordinário.
2. A convocatória será remetida a cada membro por correio eletrónico, para o endereço indicado por cada um.
3. Porém, caso algum membro não deseje que a convocatória seja remetida pela via eletrónica, deverá indicar via alternativa.

Artigo 17.º

Quórum

1. A comissão de proteção delibera validamente, em ambas as modalidades de funcionamento, com a presença da maioria dos seus membros.
2. Independentemente da maioria referida no número anterior para efeitos de quórum, as deliberações só serão válidas se estiver presente a/o presidente ou a/o secretária/o da Comissão, na ausência daquela/e.

Artigo 18.º

Faltas dos membros

1. É obrigação dos membros a comunicação e justificação de eventuais faltas devendo fazê-lo previamente, ou no prazo de 5 dias na impossibilidade dessa indicação.
2. Se o membro da comissão faltar consecutiva e injustificadamente às reuniões da comissão alargada por um período superior a três vezes consecutivas, a/o presidente dará conhecimento à entidade que o indicou.
3. Se o membro da comissão faltar interpolada e injustificadamente a 2 reuniões da comissão alargada num período de 6 meses, a/o presidente dará conhecimento à entidade que o indicou.
4. Se o membro da comissão faltar consecutiva e injustificadamente a 2 reuniões da comissão restrita, a/o presidente dará conhecimento à entidade que o indicou.
5. Se o membro faltar interpolada e injustificadamente a reuniões da comissão restrita em 2 meses a/o presidente dará conhecimento à entidade que o indicou.
6. Verificando-se:
 - a) Não haver qualquer justificação, por parte do membro ou da entidade que o indicou, a comissão alargada delibera notificar o membro e a entidade que o indicou, solicitando a sua substituição;
 - b) Havendo justificação das ausências, a comissão alargada deliberará aceitar ou não como justificadas as mesmas. Se considerar injustificadas

comunicará ao membro e à entidade e deliberará o pedido de substituição imediato de membro.

7. As deliberações serão tomadas por escrutínio secreto.

Artigo 19.º

Férias

1. Os períodos de férias devem ser planeados tendo em conta a disponibilidade dos vários membros e o dever de funcionamento permanente da comissão, devendo as férias da/o presidente e da/o secretária/o da comissão serem agendadas para que um dos dois permaneça sempre na comissão.

2. A/O presidente da comissão deverá ter especial atenção ao período do gozo de férias dos membros da comissão, nos períodos em que se verifique, por força do que é hábito, uma grande concentração desse gozo por parte dos membros, a fim de preservar o quórum necessário para deliberar validamente.

3. Com vista a que seja assegurado o quórum necessário ao funcionamento da comissão, cada membro deverá informar a/o presidente da comissão, até finais de março de cada ano, das datas em que pretendeu agendar na entidade as suas férias.

4. Analisados os períodos de férias indicados por cada membro, após informação prestada nos termos do número antecedente, verificando-se a falta de quórum para deliberar, deverão os membros ajustar entre si, com a coordenação da/o presidente da comissão, a alteração dos períodos de férias por forma a garantir o quórum necessário com vista à legalidade das deliberações adotadas.

5. Quando o referido no número antecedente se mostrar inviável, a/o presidente da comissão lavrará em ata tal impossibilidade e comunicará às entidades representadas na comissão, solicitando a alteração das férias que se mostrar indispensável para assegurar o quórum necessário à validade das deliberações.

6. Quando não existir resposta por parte das entidades, no prazo de 10 dias úteis, e se mantiver a falta de quórum, a/o presidente da comissão, após dar conhecimento em reunião à comissão na modalidade restrita, dará do facto conhecimento à Comissão Nacional e ao/à Procurador/a Interlocutor/a da comissão junto do Tribunal competente, solicitando as devidas orientações.

Artigo 20.º

Proibição de abstenção na comissão alargada

Não é possível aos elementos da comissão alargada absterem-se quando no exercício de funções consultivas, nomeadamente a prevista na alínea f) do n.º 2 do artigo 18.º da LPCJP.

Artigo 21.º

Proibição de abstenção na comissão restrita

Não é possível aos elementos que integrem a comissão restrita absterem-se quando deliberarem no âmbito do exercício de funções nesta modalidade de funcionamento.

Artigo 22.º

Formas de votação

1. As deliberações são antecedidas de discussão das respetivas propostas.
2. As deliberações que envolvam um juízo de valor sobre comportamentos ou qualidades de pessoas são tomadas por escrutínio secreto, devendo a/o presidente, em caso de dúvida fundamentada, determinar que seja essa a forma para a votação.

Artigo 23.º

Maioria exigível

As deliberações são tomadas pela maioria dos votos dos membros.

Artigo 24.º

Empate na votação

Sempre que se verifique empate na deliberação, a/o presidente tem voto de qualidade.

CAPÍTULO III

REGISTO DAS DELIBERAÇÕES

Artigo 25.º

Atas

1. De todas as reuniões da comissão, em ambas as modalidades, será lavrada a respetiva ata, devendo a mesma conter um resumo de tudo o que nela tenha ocorrido e seja relevante para o conhecimento e a apreciação da legalidade das deliberações tomadas, devendo constar da mesma, designadamente, data e local da reunião, a ordem de trabalhos, os membros presentes, os assuntos apreciados, as deliberações tomadas, por maioria ou unanimidade, a forma e o resultado das respetivas votações e as decisões da/o presidente, quando exerça o voto de qualidade.
2. As atas são formalmente apreciadas e aprovadas na reunião seguinte da comissão, quer na modalidade alargada, quer na modalidade restrita, podendo os membros, que tenham estado presentes na reunião, propor qualquer alteração que considerem necessária ou pertinente, desde que em conformidade com o conteúdo do que foi discutido e registado em reunião.
3. As atas são rubricadas e assinadas pela/o presidente e, na sua ausência pela/o secretária/o.
4. Desde que a comissão na modalidade alargada assim o delibere no início do ano, todas as atas poderão ser aprovadas em minuta, quer no que concerne às deliberações da comissão alargada ou se trate da modalidade restrita, passando a ter efeitos imediatos logo após a realização da reunião, desde que a minuta se mostre assinada pelos membros presentes nas duas modalidades de reunião, devendo depois ser transcrita com maior concretização e submetido texto final da ata a aprovação na reunião imediatamente seguinte.

Artigo 26.º

Voto de vencido

1. Em qualquer das duas modalidades de trabalho, os membros da comissão podem fazer constar da ata o seu voto de vencido/a, enunciando as razões que o justifiquem.

2. Aqueles que ficarem vencidos na deliberação tomada e fizerem registo da respetiva declaração de voto na ata, ficam isentos da responsabilidade que daquela eventualmente resulte.

Artigo 27.º

Arquivamento das atas

1. As atas serão arquivadas em suporte ou livro próprio, devidamente numeradas e paginadas.
2. As atas devem estar separadamente arquivadas em suporte ou livros próprios consoante se tratem da modalidade alargada ou da modalidade restrita.
3. Às atas deverá ser apensada a respetiva folha de presenças, fazendo parte integrante da mesma.

Artigo 28.º

Junção de cópia da ata ao processo

1. O extrato da ata será junto ao processo a cuja deliberação se reporte.
2. Apenas será junto ao processo extrato da ata, constituído pela parte do seu conteúdo que diga respeito a esse processo, não podendo haver referências de outros processos nesse extrato, devendo o mesmo estar devidamente rubricado pela/o presidente ou pela/o secretária/o

Artigo 29.º

Consulta das atas

1. Qualquer membro pode aceder ao suporte ou livro de atas.
2. O suporte ou livro onde se encontram arquivadas/exaradas as atas relativas às reuniões da comissão restrita só poderá ser acedido pelos membros desta modalidade de funcionamento.

CAPÍTULO IV

MODALIDADE, FUNCIONAMENTO E COMPOSIÇÃO

Artigo 30º

Composição da comissão

1. A composição da comissão coincide com a sua modalidade alargada constituída em harmonia com o previsto no nº 1 do artigo 17.º da LPCJP e na sua portaria de instalação.
2. Para além das pessoas que representam as entidades indicadas nas alíneas a) a k) do nº 1, do artigo 17.º da LPCJP e daquelas que são indicadas pela assembleia municipal, a comissão de proteção, nos termos da alínea m) do mesmo artigo, pode integrar na sua composição outras pessoas, nomeadamente para garantir e aumentar o seu carácter interdisciplinar.

Artigo 31.º

Exercício do mandato

A natureza e efeitos do mandato na comissão de proteção implica o exercício pessoal do membro sem possibilidade de substituição por suplente, salvo nas circunstâncias e nos termos previstos no artigo 34º do presente regulamento.

Artigo 32.º

Duração do mandato

1. O mandato do membro da comissão tem a duração prevista no nº 1 do artigo 26.º da LPCJP, cuja duração deve ser respeitada, a não ser por razões imprevisíveis e de força maior, não imputáveis à entidade que deve indicar o membro.
2. No final do 1º e 2º mandatos de membro, quer se trate do termo do primeiro mandato ou do segundo mandato, a/o presidente da comissão oficiará à entidade que designou aquela/e do termo do mandato, advertindo que, caso não seja dada resposta em contrário, o membro designado assumirá um novo mandato consecutivo, exceto nos termos do número seguinte.
3. Com a antecedência mínima de três meses relativamente ao termo do terceiro mandato consecutivo de cada membro designado, a/o presidente da comissão

oficiará à entidade que o designou, indicando a data do termo do mandato e a obrigatoriedade da sua atempada substituição.

4. O membro cujo mandato termine deverá ser substituído imediatamente após o termo do mandato.

5. Quando se verificar o final do mandato e não tenha ocorrido a sua renovação ou a sua substituição por outro, ou no caso de impossibilidade da renovação, por se mostrar ultrapassado o período previsto no n.º 1 do artigo 26.º da LPCJP, o membro manter-se-á em funções até se verificar a sua substituição definitiva, devendo o/a presidente envidar todos os esforços junto da entidade respetiva, para que a entidade indique o novo membro, no mais curto espaço de tempo possível, podendo recorrer à cooperação da CNPDPCJ.

6. Decorrido o período de nove anos consecutivos de exercício de membro da CPCJ, o membro só pode retornar após o interregno de um período completo de duração de um mandato.

Artigo 33.º

Cooptação de membros

1. A cooptação de membros é da competência da comissão alargada.
2. A cooptação de membros para integrar a composição da comissão é feita nos termos e para os fins previstos na alínea. m) do n.º 1, no artigo 17.º da LPCJP e n.º 5 do artigo 20.º da LPCJP.
3. O ato de cooptação de pessoa para integrar a comissão é concretizado através de deliberação da comissão alargada, devidamente fundamentada e por escrutínio secreto.
4. A cooptação pode ser proposta por qualquer dos seus membros, devendo constar da ordem de trabalhos.
5. A proposta deve ser acompanhada de resumo curricular que habilite os membros da comissão a tomar conhecimento do perfil do cooptando.
6. O recurso ao regime da cooptação deve ter como finalidade essencial a necessidade de preenchimento de determinada valência técnica, designadamente

para integração das valências necessárias para adoção de decisões devidamente suportadas em conhecimentos técnico-científicos na modalidade restrita, tudo sem prejuízo da cooptação de cidadãos/ãs com especial interesse pelos problemas da infância e da juventude, situação em que a comissão alargada deverá ponderar sobre a efetiva necessidade da integração destes últimos na modalidade restrita de funcionamento, de modo a não prejudicar o carácter interdisciplinar e multidisciplinar que caracterizam a mesma.

7. Os elementos cooptados são membros de pleno direito, com os mesmos direitos e deveres dos outros elementos.

Artigo 34.º

Interrupção da condição de membro

1. O mandato de membro só pode ser interrompido por razões imprevisíveis e que não estejam na disponibilidade da entidade que o indicou, ou caso se tenham verificado as faltas nos termos do artigo 17.º do presente regulamento.

2. Nos casos previstos no número anterior, a/o presidente, ou a/o secretária/o, caso aquele esteja impedida/o de o fazer, deverá solicitar a indicação de novo membro, no mais curto espaço de tempo.

3. A indicação de novo membro nos termos previstos no número anterior, implica o início de um novo mandato para o membro ora indicado e a cessação da qualidade de membro do anterior.

4. Quando a interrupção for motivada por razões temporárias, nomeadamente de saúde, ou de gravidez, ou de gozo de licença parental, supríveis em prazo que não imponha a substituição do representante como membro e titular do direito e dever do respectivo exercício de funções mas implique a necessidade da sua substituição temporária no seu exercício efectivo, não terá lugar o termo do mandato, mas apenas a sua substituição pelo período de impedimento, a qual deve ser rapidamente satisfeita pela entidade representada.

5. Terminada a impossibilidade temporária o membro assume a plenitude das suas funções.

6. O tempo de impossibilidade temporária integra o período de duração do mandato contado desde o início das suas funções.

Artigo 35.º

Outras pessoas com atividade na CPCJ

Para além dos seus membros, desenvolvem atividade na comissão as pessoas encarregues do apoio administrativo, aos técnicos de apoio e estagiários.

Artigo 36.º

Elemento para apoio administrativo

1. O apoio administrativo ao funcionamento da comissão processa-se nos termos do artº 14º nº 4 da LPCJP
2. Conforme se encontra protocolado entre a CNPDPCJ e a Associação Nacional dos Municípios Portugueses, a comissão de proteção conta com *um* elemento para apoio à atividade administrativa da comissão.
3. A atividade de apoio administrativo implica nomeadamente:
 - Classificação e registo do expediente entrado na comissão;
 - Tratamento do expediente a remeter a outras entidades e respetivo envio;
 - Junção do expediente aos processos respeitantes ao mesmo;
 - O acolhimento do público que se dirige à comissão e seu encaminhamento;
 - A reprodução de peças processuais solicitada pelos membros e técnicos/as de apoio;
 - A digitalização e associação de documentos de acordo com instruções recebidas pela/o presidente ou pela/o gestor(a) do processo, no âmbito da Aplicação Informática para a Gestão da CPCJ e do Processo de Promoção e Proteção;

- O apoio na Aplicação Informática para a Gestão da CPCJ e do Processo de Promoção e Protecção que for decidido pelo presidente em conformidade com o perfil de administrativo estabelecido.
 - Apoio a atividades realizadas pela comissão alargada.
4. É incumbência do/a presidente da comissão supervisionar as diversas atividades desenvolvidas pelo administrativo.
5. Sempre que o administrativo se mostre inapto para as atividades que deve desenvolver, o presidente da comissão, ouvida a comissão restrita, comunicará tal facto à Câmara Municipal, responsável pelo apoio administrativo, ou a outra entidade que disponibilize este apoio, com vista à sua imediata substituição.

Artigo 37.º

Técnicos de apoio

1. O técnico de apoio é disponibilizado por qualquer das entidades representadas na comissão alargada, designadamente nos termos do n.º 6 do artigo 20.º da LPCJP, pela Comissão Nacional ao abrigo do artigo 20.º-A da LPCJP, ou de programa específico da responsabilidade de entidade concreta, tendo em vista especificamente a disponibilização de apoio técnico à comissão, nomeadamente ao abrigo de protocolo específico assinado com a CNPDPCJ que o preveja, ou outros que venham a ser estabelecidos.
2. São funções do técnico de apoio, conforme disposto no artigo 20.º, n.º 6 e artigo 20.ºA, n.º 2 e correspondente deliberação da comissão de protecção:
- a) Pode ser gestor/a de processos de promoção e protecção, nos termos do n.º 6 do artigo 20.º e n.º 2 do artigo 20.º-A da LPCJP, podendo executar, em harmonia com as orientações da comissão de protecção na modalidade restrita, todos os atos necessários à avaliação e diagnóstico e ao acompanhamento da execução da medida de promoção e protecção deliberada pela comissão restrita e constantes do plano de avaliação e diagnóstico e do acordo de promoção e protecção, respectivamente, e outros atos de que sejam incumbidos pela comissão restrita à exceção daqueles, nomeadamente de decisão, que só podem ser praticados pelos membros.

- b) O técnico pode integrar os trabalhos das reuniões da comissão alargada;
 - c) Pode colaborar na conceção do Plano Anual de Atividades e na execução de atividades ali previstas, sempre que o delibere a comissão ou determine a/o presidente;
 - d) Pode integrar os trabalhos da reunião da comissão restrita, nomeadamente para prestar esclarecimentos e emitir parecer sobre o conteúdo dos processos que acompanha, o qual deverá ser levado em consideração na deliberação a adoptar, colaborar e apresentar sugestões sempre que seja necessário ou que a comissão restrita o delibere;
 - e) Ao técnico de apoio será entregue declaração assinada pelo presidente da comissão que atestará tal condição, fazendo-se ali constar os elementos do seu documento de identificação e carimbo da comissão, a qual, no âmbito do exercício das suas funções, poderá ser exibida perante outrem, e deverá ser devolvida quando findar as suas funções.
 - f) Ao técnico de apoio será atribuído código de acesso à Aplicação Informática para a Gestão da CPCJ e do Processo de Promoção e Proteção, com o perfil adequado ao exercício das suas funções;
 - g) Deve integrar as ações de formação dirigidas pela Comissão Nacional à comissão e aquelas que forem disponibilizadas especificamente aos técnicos de apoio;
 - h) Pode frequentar outras formações;
3. Em caso algum, o técnico de apoio pode assumir simultaneamente a qualidade de membro.
4. É dever e direito do técnico de apoio integrar as ações de formação decididas pela comissão de proteção ou pela Comissão Nacional, conforme planos formulados pela Comissão Nacional em cooperação com as comissões de proteção dirigidas aos membros da comissão proteção ou especificamente destinadas aos técnicos de apoio.

Artigo 38.º

Estagiários

1. A comissão alargada pode deliberar sobre a possibilidade de admissão de estágios académicos e profissionais na comissão.
2. Os estágios deverão cumprir os requisitos da entidade enquadradora do estágio.
3. Cabe à comissão após admissão dos estagiários, deliberar sobre os atos que estes poderão praticar e as condições em que o farão, devendo ainda em ato imediato, designar o orientador de estágio, preferencialmente na mesma área de formação do estagiário a enquadrar na comissão, ao qual competirá todo o acompanhamento e apoio a prestar ao estagiário, respeitando o programa de estágio, articulando com a entidade de origem do mesmo e elaborando os relatórios e demais documentação que se mostre necessária.
4. O orientador de estágio deve, periodicamente, no prazo máximo até seis meses, reportar à comissão restrita o modo como o estágio se encontra a decorrer e prestar as demais informações que considere adequadas.
5. No exercício das competências da comissão restrita, em caso algum, os estagiários deverão praticar atos processuais ou diligências, sem prejuízo da possibilidade de observação de atos da comissão, na medida em que esta considere compatível com as exigências jurídicas, éticas e técnicas das suas atribuições relativas à intervenção da comissão, nomeadamente os que respeitam à identificação da criança e família e às situações determinantes dessa intervenção, de que tenham conhecimento.
6. Os estagiários poderão utilizar para fins científicos dados a que tenham acesso no âmbito da sua intervenção na comissão, respeitando o referido no número antecedente tendo em conta, escrupulosamente, o princípio do caráter reservado do processo.

Artigo 39.º

Registo Criminal

1. Antes de assumir as suas funções, todos os membros terão que entregar o certificado do registo criminal previsto no n.º 2 do artigo 2.º da Lei n.º 113/2009, de 17 de Setembro, alterada pelo artigo 5.º da Lei n.º 103/2015, de 24 de agosto.
2. Os membros representantes de entidades deverão fazer a entrega do certificado junto destas, caso não o tenham feito anteriormente.
3. Relativamente aos membros indicados pela assembleia municipal, a entrega do registo criminal é feita junto desta entidade.
4. Ao membro cooptado bastará que entregue anualmente o certificado do registo criminal com os requisitos exigidos por lei à/ao presidente que o arquivará em pasta própria.
5. Se o membro cooptado desenvolver trabalho que implique o contacto regular com crianças, bastará a prova na comissão de que foi entregue certificado do registo criminal atualizado e que comprova junto da entidade patronal os requisitos exigidos por lei.
6. Poderá a comissão a pedido do membro cooptado diligenciar por essa comprovação junto da entidade patronal.
7. A/o presidente da comissão solicita às entidades representadas e à assembleia municipal que informem a comissão de proteção, no início do mandato e anualmente, se o registo criminal do membro/representante lhes foi entregue.
8. As/Os técnicas/os de apoio técnico, também deverão entregar à sua entidade o certificado do registo criminal, bastando à comissão, receber, no início das funções e anualmente, tal informação.
9. Os elementos de apoio administrativo devem apresentar o certificado do registo criminal à Câmara Municipal e deve ser dado conhecimento por esta da apresentação e do conteúdo do mesmo.
10. Os estagiários também devem apresentar o certificado registo criminal ou informação de que o mesmo foi entregue à entidade enquadradora do estágio.

Artigo 40.º

Acesso a informação técnica e aplicação informática

1. A todos os membros da CPCJ será dado conhecimento do conteúdo dos ofícios-circulares emitidos pela CNPDPCJ, sendo da responsabilidade da/o presidente da comissão a função de alertar os membros para o conteúdo dos mesmos, devendo, quando entender necessário, submeter estes documentos a reunião da comissão alargada ou restrita para discussão e implementação.
2. Será atribuído a todos os membros da comissão o código de acesso à área restrita do portal da Comissão Nacional.
3. Aos membros que compõem a comissão restrita será permitido pela/o presidente o acesso e utilização da Aplicação Informática para a Gestão da CPCJ e do Processo de Promoção e Proteção.
4. Compete ao/à presidente manter atualizado o registo dos membros da comissão de proteção na Aplicação Informática para a Gestão da CPCJ e do Processo de Promoção e Proteção.
5. Compete ao/à presidente atribuir código de acesso à referida aplicação aos membros que constituem a comissão restrita, técnicos/as de apoio e elemento(s) de apoio administrativo, construindo o respetivo perfil de acordo com as suas competências e procedendo ao seu cancelamento, logo que aqueles deixem de exercer funções na comissão.

Artigo 41.º

Membros

1. Todos os membros da comissão têm o dever e o direito de frequentar ações de formação, nomeadamente aquelas que são disponibilizadas pela CNPDPCJ devendo ter-se em conta os planos de formação inicial e contínua formuladas por esta, pela entidade que representam, ou outras.
2. A todos os membros será entregue o cartão de identificação próprio previsto no n.º 5 do art.º 25º da LPCJ, o qual deverá ser devolvido logo que verificado o fim da validade ou que deixem de ter a qualidade de membro da comissão.

3. Os membros designados ao abrigo das alíneas constantes do n.º 1 do art.º 17.º da LPCJP, têm direito à contratação de seguro por parte da Câmara Municipal, em conformidade com o disposto na alínea b) do n.º 3 do art.º 14.º da LPCJP e normas orientadoras emitidas pela Comissão Nacional.

4. Todos os membros têm direito a isenção de custas e ao patrocínio judiciários, nos termos previstos no n.º 4, do artigo 25.º da LPCJP, ou seja, quando demandados por atos praticados no exercício das suas funções.

Artigo 42.º

Dever de sigilo

Todos os membros que compõem a CPCJ, bem como o apoio administrativo, o apoio técnico e estagiárias/os estão obrigados a sigilo, nomeadamente, no que respeita à identificação das crianças e dos jovens envolvidos, às suas famílias, a tudo o que respeita à tramitação processual e, bem assim, aos demais assuntos que sejam tratados em ambas de modalidades de funcionamento da comissão.

Artigo 43.º

Funcionamento da Comissão Alargada

1. A comissão alargada obriga-se ao exercício das competências que lhe estão atribuídas nos pontos 1 e 2 do artigo 18.º da LPCJ.

2. A comissão alargada delibera sobre os instrumentos de planeamento da sua ação (plano de ação plurianual e/ou plano de ação anual), no quadro das suas competências, ficando obrigada à elaboração e execução do Plano de Ação anual, o qual é aprovado até à última reunião do ano anterior a que se destina.

3. Todos os membros, sem exceção, se obrigam à execução do Plano de Ação Anual (e Plurianual se o houver), o qual contempla também a definição da forma organizativa de funcionamento da comissão alargada para a execução das ações previstas no plano de ação.

4. Com vista ao desenvolvimento do Plano de Ação poderá a comissão alargada deliberar a colaboração de pessoas da comunidade, sem a qualidade de membro.

Artigo 44.º

Relatório Anual

1. Deve ser elaborado relatório anual de avaliação da atividade da comissão, cuja responsabilidade é da/o presidente, coadjuvada/o pelos outros membros da comissão e remetido até 31 de Janeiro, conforme dispõe o art.º 32º da LPCJP, às entidades mencionadas naquela disposição legal.
2. No ato de aprovação, a CPCJ pode deliberar a remessa do relatório a outras entidades que considere pertinentes.

CAPÍTULO V

PRESIDÊNCIA DA COMISSÃO

Artigo 45.º

Eleição da/o presidente

1. A eleição da/o presidente é feita por voto secreto, devendo ser utilizados boletins de voto que não permitam a identificação do/a eleitor(a).
2. Todos os membros são elegíveis como presidente.
3. Não é elegível membro que já tenha cumprido dois mandatos como presidente, ou que não possa completar o mandato nessa qualidade, por antes do seu termino cessar o tempo do seu último mandato enquanto membro.
4. Em caso de empate procede-se imediatamente a nova votação, devendo então apenas ser objeto de votação os dois membros mais votados.
5. No caso de se verificar novo empate entre estes dois membros, procede-se imediatamente a nova votação e, se o empate se mantiver, adia-se a deliberação para a reunião seguinte, a realizar no prazo máximo de oito dias úteis.

Artigo 46.º

Designação e exercício da/o secretária/o da CPCJ

1. Logo que eleito/a, o/a presidente designará a/o secretária/o, fazendo-se constar tal designação na ata, podendo, porém, solicitar prazo para nomeação do mesmo/a, sendo que, neste caso, a designação constará da ata da primeira reunião seguinte.
2. O exercício do cargo de secretária/o corresponde ao do tempo de exercício do presidente.
3. Caso o final do exercício do mandato da/o secretária/o como membro ocorra antes do final do mandato da/o presidente, este/a indicará o seu substituto/a em reunião da comissão alargada, fazendo-se constar tal designação na ata.
4. A/o secretária/o poderá ainda ser substituída/o, por razões atendíveis do próprio ou do presidente.
5. Se a/o secretário/a não puder exercer o cargo transitoriamente, a/o presidente indicará quem assumirá tal cargo durante tal período de impedimento, findo o qual, a/o anterior secretária/o reassumirá as suas funções.
6. Na marcação de períodos de gozo de férias, a/o presidente e a/o secretária/o devem articular-se, a fim de poder assegurar, pelo menos, a presença de um/a deles/a.
7. Na impossibilidade excepcional, devidamente fundamentada, de ser assegurada a presença da/o presidente e da/o secretária/o, a/o presidente providenciará pela designação de outro membro como secretária/o para o exercício dessas funções durante o período em que se verificar a referida impossibilidade.
8. Caso a substituição ocorra por motivos imprevisíveis, a/o presidente informará pelo meio mais célere os demais membros da comissão qual o membro a que se refere o número anterior.

Artigo 47.º

Tempo afeto à CPCJ pela/o presidente

A/O presidente exercerá as suas funções pelo período de tempo, concedido pela entidade que representa, não podendo contrariar os tempos mínimos de afetação a definir pela Comissão Nacional.

Artigo 48.º

Comunicação da eleição da/o presidente

1. Do resultado da eleição da/o presidente deve ser dado conhecimento à entidade que o designou, ao Ministério Público e à CNPDPCJ, juntando cópia da ata na qual consta a eleição.
2. Devendo a presidência desta comissão ser exercida a tempo inteiro, a comunicação referida no número anterior deve ser efetuada conforme dispõe o n.º 7, do artigo 23.º da LPCJP.

Artigo 49.º

Período de exercício de funções de membro da comissão como presidente

1. O membro que tiver sido eleito presidente deve exercer o cargo obrigatoriamente por um período de três anos.
2. Apenas será admissível a antecipação do final de mandato, quando o presidente deixar de ser membro da comissão ou por razões consideradas atendíveis pela comissão alargada, devendo deste facto ser dado conhecimento à CNPDPCJ.
3. Na sequência de eleição antecipada, iniciar-se-á um novo período de mandato pelo período de três anos.
4. O membro eleito presidente pode ser reeleito uma única vez, nos termos do disposto no artigo 26º da LPCJP.
5. Findo tal período é obrigatória a realização de novo ato eleitoral em tempo que permita a observância do limite do mandato referido no n.º 4.
6. No caso de impossibilidade do presidente providenciar oportunamente pela nova eleição, compete à/ao secretária/o proceder às diligências necessárias a essa nova eleição, incluindo a promoção da indicação dos representantes em falta.

Artigo 50.º

Competências da/o presidente da CPCJ

1. A/O presidente exercerá as competências em conformidade com o previsto no artigo 24.º da LPCJP.
2. As relações com a comunicação social, seja por comunicado, entrevista, ou mero esclarecimento serão assumidas pela/o presidente, nos termos do artigo 90.º da LPCJP.

CAPITULO VI

COMPOSIÇÃO, COMPETÊNCIA E FUNCIONAMENTO DA COMISSÃO RESTRITA

Artigo 51.º

Composição

1. A comissão restrita deve ser composta por um número ímpar de membros, nunca inferior a cinco, para cujos efeitos, não são considerados as/os técnicas/os de apoio.
2. Nos termos do art.º 20º, nº 2 e 3 da LPCJP, a comissão restrita deve ser obrigatoriamente integrada pelas seguintes pessoas:
 - Representante do Município;
 - Representante da Segurança Social;
 - Representante da Educação;
 - Representante da Saúde;
 - Representante das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não-governamentais que desenvolvem, na área do município de Pombal, respostas sociais de carácter não residencial dirigidas a crianças e jovens; ou das instituições particulares de solidariedade social ou de outras organizações não governamentais que desenvolvem, na área

do Município de Pombal, respostas sociais de carácter residencial dirigidas a crianças e jovens;

3. Os restantes membros deverão integrar esta modalidade de funcionamento, de acordo com deliberação da comissão alargada, a qual mencionará individualmente a pessoa ou as pessoas que passam a integrar a mesma.
4. A/o presidente e a/o secretário/a deverão obrigatoriamente integrar a comissão restrita.

Artigo 52.º

Distribuição de processos na comissão restrita

1. A distribuição dos processos registados na comissão é coordenada pelo presidente em reunião da comissão restrita, por cada um dos membros desta modalidade de funcionamento, tendo em atenção a sua disponibilidade, conhecimento anterior e valência técnica.
2. Os membros da comissão restrita a quem sejam distribuídos processos de promoção e proteção, estão obrigados a proceder à sua aceitação, assumindo as funções de gestores dos mesmos, conforme venha a ser deliberado.

Artigo 53.º

Periodicidade das reuniões da comissão restrita

1. As reuniões da modalidade restrita têm lugar quinzenalmente, em hora e dia a definir consensualmente pela comissão, sem prejuízo das reuniões extraordinárias cuja realização seja considerada necessária, as quais serão marcadas em função da urgência das situações/processos a serem submetidos à mesma.
2. Os membros da comissão restrita obrigam-se a comparecer a todas as reuniões, incluindo as de carácter extraordinário, priorizando o trabalho na comissão, ao abrigo do disposto no n.º 2, do artigo 25.º.

Artigo 54.º

Deliberações

1. As deliberações da CPCJ são vinculativas e de execução obrigatória para os serviços e entidades neles representados, salvo oposição devidamente fundamentada.
2. A CPCJ deve comunicar ao Ministério Público as situações em que um serviço ou entidade se oponha à execução das suas deliberações.

Artigo 55.º

Impedimento

1. Os membros da comissão que tenham interesse direto ou indireto em virtude da criança ser seu parente ou afim ou que mantenham com ela uma relação especialmente relevante, designadamente, em virtude do contacto regular com a criança ou com a família, ou tenham um relacionamento privilegiado com a mesma, devem declarar-se impedidos de intervir no processo.
2. Nesse caso, o membro não pode aceder ao processo nem participar nas deliberações que tenham por objeto esse mesmo processo.
3. No caso do membro se declarar impedido de exercer as funções de presidente é substituído nas suas funções pela/o secretária/o.
4. O impedimento deve ser arguido logo que se tome conhecimento da sua causa, pelo próprio ou por terceiro, e registado na primeira reunião que houver lugar.

Artigo 56.º

Regime de permanência

1. A comissão restrita funciona em permanência nos termos da LPCJP.
2. O dever de funcionamento em permanência da comissão restrita fora dos períodos normais de funcionamento é assegurada de harmonia com o deliberado pela comissão, em conformidade, no respeito pelas exigências concretas do cumprimento desse dever.
3. A permanência, fora dos períodos normais de funcionamento, é assegurada pelas forças de segurança.

Artigo 57.º

Registo de permanência

A comissão restrita dispõe de um registo de permanência dos técnicos, validado mensalmente pelo/a presidente e arquivado em dossier próprio.

Artigo 58.º

Fundo de maneo

O fundo de maneo mensal atribuído a esta comissão é calculado nos termos previstos no protocolo celebrado em 31 de julho de 2017 entre a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens e a Associação Nacional dos Municípios Portugueses

1. Este fundo de maneo destina-se a despesas ocasionais, imprevistas e de pequeno montante, resultantes da ação da CPCJ junto das crianças e jovens, suas famílias ou pessoas que têm a sua guarda, não abrangendo as despesas que possam ser satisfeitas no âmbito da ação social.
2. Para efeitos de contabilização interna da comissão, das despesas cobertas pelo fundo de maneo deve ser feito o respetivo registo devidamente discriminado, com a junção de toda a faturação correspondente e comprovativos, emitidos em nome da Câmara Municipal e com o NIF da mesma.
3. As faturas apuradas e referentes às despesas efetuadas com a verba atribuída pelo fundo de maneo devem ser entregues no final do mês ou no primeiro dia útil do mês seguinte a que se reportam, junto da divisão financeira, solicitando a reposição das verbas despendidas.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 59.º

Conhecimento do regulamento

1. Todos os membros, técnicos/as de apoio e elementos do apoio administrativo deverão tomar conhecimento do presente regulamento no momento em que assumam as suas funções na comissão, não podendo invocar o seu desconhecimento.
2. Será entregue cópia do mesmo com assinatura de termo de entrega ou não sendo entregue cópia, assinatura de termo de leitura do mesmo, devendo o seu original ficar disponível a todo o tempo para consulta.

Artigo 60.º

Casos Omissos

As situações omissas no presente regulamento serão decididas e deliberadas em reunião da comissão alargada, com respeito pela Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e demais legislação aplicável ao caso em concreto.

Artigo 61.º

Entrada em vigor

O presente regulamento foi aprovado em reunião de 15/03/2018.

Artigo 61.º

Revisão do Regulamento Interno

Sempre que se mostre necessário, por iniciativa da/o presidente da comissão, ou por solicitação de outro membro da comissão, a comissão poderá deliberar, a qualquer momento, proceder à revisão do presente regulamento.